

FABIANA APARECIDA FONSECA

CONQUISTAS FEMININAS:

A presença da mulher na Rádio Itatiaia em diferentes períodos: 1980,1990 e 2008

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social do Departamento de Ciência da Comunicação do Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: professora Ângela Moura.

Belo Horizonte
2008

Dedico esta monografia à minha família. Graças a ela, tiver força e incentivo para chegar até aqui. Agradeço a Deus pela vida e força de vontade que sempre esteve comigo para chegar ao final desta caminhada. Aos professores do UNI-BH, pelo aprendizado que me foi passado e o carinho recebido. Aos colegas de sala, pela paciência e compreensão nos momentos mais difíceis.

Essa vitória é dedicada a todos vocês.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 O RÁDIO E O TEMPO	8
1.1 A história do rádio.....	8
1.2 Conceitos e características da informação no rádio.....	13
1.3 A história da Rádio Itatiaia	20
2 A MULHER NA SOCIEDADE E NO MERCADO DE TRABALHO	23
2.1 A evolução feminina	23
2.2 Uma análise da mulher no rádio	28
3 A ATUAÇÃO FEMININA NA RÁDIO ITATIAIA.....	31
3.1 Metodologia de pesquisa	31
3.2 Mulheres que atuaram e atuam na rádio Itatiaia.....	34
3.2.1 <i>Desbravando o rádio: o pioneirismo de Glória Lopes</i>	35
3.2.2 <i>Uma paixão e um desafio: a rica trajetória de Tânia Moreira</i>	36
3.2.3 <i>Tempos modernos: o dinamismo de Camila Dias</i>	37
3.3 Feminismo – uma luta pela evolução feminina	37
3.4 A mulher e o rádio	39
3.5 As conquistas femininas	40
3.6 Evolução: uma questão de conhecimento	41
3.7 Sociedade: a origem do preconceito.....	42
3.8 A escolha da profissão no meio radiofônico e a lógica do mercado	44
3.9 A atuação feminina na rádio Itatiaia desde a década de 1980 até os dias de hoje.....	47
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	54

INTRODUÇÃO

A idéia de pesquisar este tema surgiu no dia em que reparei a capa da revista VOCÊ S.A. que chamou a minha atenção. A capa indagava “Elas estão dominando o mercado?” e mostrava uma mulher muito bem vestida, representando uma executiva. Essa idéia de que as mulheres estão mais atuantes no mercado de trabalho é muito atraente, principalmente quando se está saindo da faculdade com tantas expectativas, sem conhecer muito bem o mercado em que se pretende atuar. A paixão pelo rádio me fez juntar o útil ao agradável ao relacionar a este tema a atuação feminina no mercado. Como a rádio Itatiaia é também um foco das minhas investidas profissionais, decidi conhecer um pouco mais das minhas chances de atuar no rádio e até mesmo na rádio Itatiaia.

O rádio é um meio de comunicação que ultrapassou barreiras e deu origem a muitos avanços na sociedade, seja na comunicação, seja no direito do cidadão à informação. Com quase 86 anos, o rádio consolida-se como o grande veículo de notícias e prestação de serviço, sendo insubstituível como mídia que se pode acessar a qualquer momento, em qualquer lugar, enquanto se executa outras atividades. Foi o primeiro dos meios de comunicação de massa a dar imediatismo à notícia, graças à possibilidade de divulgar fatos no exato momento em que eles ocorrem.

O surgimento de programas noticiosos a partir dos anos 1940 consolidou o rádio como meio de comunicação essencial. A chegada do transistor deu mobilidade e maior acesso aos ouvintes e, no final dos anos 1950, o rádio iniciou sua popularização. Quem saiu ganhando com este desenvolvimento foi o ouvinte, que passou a dispor de um maior número de fontes de informação. Aos poucos o radiojornalismo conquistou espaço maior na programação das principais emissoras, superando a fase em que as transmissões eram concentradas nos fatos esportivos, cujas jornadas conseguiam alcançar altos índices de audiência da radiodifusão

brasileira frequentemente.

O histórico de crescimento e expansão do rádio aconteceu em uma época que representa também a evolução da atuação feminina neste meio de comunicação. A divisão entre o mundo doméstico e o mundo do trabalho para as mulheres começou nas sociedades industriais. A mão de obra feminina nas indústrias era mais barata e menos ameaçadora, já que a necessidade de um dos únicos empregos que eram admitidos para mulheres tornava mais remota a chance de rebeliões ou brigas. Porém, as más condições e a vergonhosa remuneração impulsionaram a mulher na luta por melhorias no trabalho.

Aos poucos, as reivindicações se expandiram para igualdade de jornada de trabalho, direitos trabalhistas, direito ao voto, etc. A inserção feminina no mercado se deu após a década de 1940, havendo uma diversificação dos tipos de ocupações assumidas pelas mulheres. Porém, no Brasil, foi na década de 1970 que a mulher passou a ingressar de forma mais acentuada no mercado de trabalho.

No rádio, a atuação feminina foi por muito tempo limitada à música e às radionovelas. A mulher não tinha credibilidade bastante para atuar na área jornalística. Dessa forma, desde a década de 1930, as estrelas dos palcos começaram a migrar para o rádio.

As mulheres começaram a representar um grupo que não pararia de crescer e o mercado de trabalho apresentaria, a partir de então, melhores condições. Alves e Pitanguy (1980) observam que as condições não eram justas ou iguais às dos homens, mas o respeito e admiração por elas cresceram muito.

Mulheres artistas de rádio foram abrindo espaço e, mesmo existindo certo preconceito, elas conseguiram, através do tempo, começar a atuar nas produções e redações.

O objetivo desta monografia foi entender como se deu essa inserção da mulher no rádio. Sendo o começo dessa trajetória marcada pelo preconceito, até quando houve resquícios dessa atitude? Pode-se afirmar que atualmente ainda existe essa cultura? Não

podemos negar que a mulher está em evidência no mercado de trabalho, mesmo por uma questão demográfica, uma vez que a população feminina está cada vez maior que a masculina. Com alta capacidade de organização e cautela, as mulheres são cogitadas e disputadas em certos cargos.

A questão principal é: houve um processo de conquista dos direitos do público feminino e do respeito e reconhecimento? Como se deu essa conquista? Nada melhor que a experiência de vida de jornalistas que atuaram no rádio em diferentes épocas para nos explicar a evolução da atuação feminina nesse meio de comunicação.

O ideal seria descobrir com este estudo que o pensamento humano em relação à atuação feminina nas relações sociais, na sociedade e no mercado de trabalho evoluiu tanto quanto evoluiu a nossa ciência, por exemplo. Descobrir que a mulher alcançou credibilidade e igualdade total seria um desfecho genial para um apanhado tão rápido de uma situação que durou décadas para se tornar ao menos mutável.

Porém, não se tem essa pretensão. Entender a evolução da mulher jornalista no rádio já será uma grande conquista nessa batalha incessante de desvendar e tentar mudar o senso comum de uma sociedade multifacetada, com culturas e conceitos tão diversos.

O cenário escolhido é uma das rádios mais atuantes em Minas Gerais. Inaugurada em 1952, a rádio Itatiaia se destacou pela sua dedicação às transmissões esportivas. Em 1954, a rádio começou a investir no jornalismo. Atualmente, a rádio Itatiaia detém 80% de fidelidade dos seus ouvintes. Considerando que o meio de comunicação surgiu há 86 anos, constata-se que o seu contexto histórico acompanha a evolução da atuação feminina nos meios de comunicação.

O tema foi escolhido com o intuito de desvendar uma situação importante de diversas histórias: do rádio em Belo Horizonte; do ícone do meio radiofônico em Minas Geais, a Itatiaia; e a mulher e as suas conquistas através do tempo.

Esse apanhado histórico visa levar ao conhecimento dos leitores, baseando-se na experiência de jornalistas de rádio, a relação entre meio de comunicação e evolução do pensamento humano e social. Propondo a analisar o papel da mulher no rádio atualmente fazendo um paralelo com a situação nas décadas de 1980 e 1990 do século passado.

Esta monografia se estrutura em três capítulos. O primeiro aborda a história do rádio no Brasil, como se deu a inserção dessa mídia que documentou muitas épocas importantes da história do mundo, evoluindo devido à capacidade de levar ao ouvinte notícia em tempo real. Esse mérito do rádio foi alcançado em função de algumas técnicas desenvolvidas ao longo dos anos. São essas regras que dão à mídia radiofônica um diferencial para se manter atuante e com tanta força até os dias atuais. Neste capítulo descreve-se um breve apanhado dessa história de sucesso.

O segundo capítulo aborda a atuação feminina na sociedade e no mercado de trabalho. Antigamente, as mulheres eram consideradas inferiores aos homens, sendo impedidas de atuar e trabalhar fora de seus lares. A imposição feminina aconteceu em um processo lento, mas com muitas conquistas. Neste capítulo, entende-se como se deu a introdução da mulher no meio radiofônico, qual o peso dessa conquista na mídia e na sociedade e as barreiras que foram transpostas.

No terceiro capítulo será evidenciada a conquista feminina no rádio. Jornalistas que atuaram no meio em diferentes épocas contam suas histórias e ajudam a recompor o perfil e o papel da mulher antigamente e atualmente.

1 O RÁDIO E O TEMPO

O objetivo deste primeiro capítulo é apresentar a história do meio de comunicação de massa mais atuante da imprensa no mundo, enfocando-o em importantes momentos: o surgimento do rádio no Brasil, a sua época de ouro, o seu declínio com o aparecimento da TV, até sua permanência em tempos de tecnologia avançada.

1.1 A história do rádio

A necessidade de um meio de comunicação que transmitisse notícias mais rapidamente, com mais imediatismo que o jornal impresso gerou a principal finalidade do rádio. Federico (1982) afirma que a história do rádio no Brasil está diretamente relacionada a aspectos culturais, econômicos e políticos do país, desde sua efetiva implementação nas primeiras décadas do século XX.

O rádio foi oficialmente inaugurado no dia 7 de setembro de 1922. Com um transmissor de 500 kilowatts, da Westinghouse¹, no alto do Corcovado, no Rio de Janeiro, foram transmitidas as primeiras ondas para 80 receptores, que na época eram caros e importados. Durante as comemorações do centenário da Independência, Federico (1982) conta que empresas norte-americanas haviam levado duas pequenas estações ao Rio de Janeiro para divulgar a nova invenção. O discurso do presidente Epitácio Pessoa foi transmitido ao vivo, mas muitas pessoas não acreditaram na demonstração de que era possível uma pessoa falar em um ponto e ser ouvida, ao mesmo tempo, em outros locais.

Maria Elvira Bonativa Federico (1982) observa que a programação que seguia era direcionada para a elite, não para a massa, afinal eram as classes mais altas que tinham

¹ Fábrica americana de acessórios e equipamentos elétricos criada por George Westinghouse.

condições de adquirir o aparelho receptor. Com óperas, recitais de poesia, concertos e palestras culturais, o rádio começava a se disseminar, tornando-se um dos meios de comunicação e entretenimento mais importantes da época. A autora ainda assegura que as primeiras emissoras do país eram bancadas por contribuições de sócios. A programação era improvisada e elitista. Ter rádio em casa, que na época era um aparelho caro, era símbolo de status e de erudição.

A consolidação do rádio aconteceu na década de 1930, quando o governo Getúlio Vargas regulamentou a publicidade no rádio. Federico (1982) afirma que nessa época surgiram os primeiros programas patrocinados, abrindo espaço para o gênero de variedades com a divulgação de músicas e artistas populares. A expansão da programação contribuiu para a popularização do rádio. O meio de comunicação, então, passou a ser eletrodoméstico imprescindível nos lares brasileiros.

No final da década de 30 o rádio havia se convertido no primeiro veículo de massa do país, pois antes dele nenhum meio atingia tantas pessoas. As fábricas de aparelho começam a vender rádios em prestações acessíveis à população. A “brincadeira tecnológica” tornou-se um verdadeiro “negócio” para os empresários. (FEDERICO, 1982, p. 35)

Com a produção de aparelhos aqui no Brasil, a massificação do rádio era inevitável. Parada (2000) afirma que foram estruturados programas menos direcionados, ou seja, que abrangiam mais ouvintes. O surgimento da radionovela contribuiu para a popularização do rádio no país. Roquete Pinto, com a criação da Rádio Sociedade – depois chamada de Rádio Municipal do Rio de Janeiro - rompeu barreiras elitistas e mudou hábitos e costumes da população, uma vez que ele conseguiu produzir conteúdo que atraía a atenção de todas as classes. Ainda havia a triagem de programas mais culturais, direcionados às classes mais ricas e aqueles direcionados às massas, mas as telenovelas e os programas de auditório conseguiam reunir milhares de ouvintes nas mesmas emissoras.

No rádio, a voz tem vida própria, não se tem uma imagem, nem aparência, apenas

tem-se o som que leva o ouvinte a criar um mundo baseado naquilo que ouve. Parada (2000) afirma que, nessa mídia, o que faz a diferença é o som. Não se trata apenas da voz do comunicador, mas sim o som ambiente do que está sendo transmitido como, por exemplo, o barulho de sirene em notícias de acidentes. O som utilizado para a notícia faz com que o ouvinte se imagine naquele lugar ou memorize o que está acontecendo.

Foi essa característica que fez do rádio um meio de comunicação tão importante antes da TV, com permanência e público atualmente. Federico (1982) caracteriza o rádio como meio de comunicação que trouxe mais agilidade à informação.

Em boa parte do mundo, o meio foi instrumento de apoio para alguns políticos. No Brasil, Olavo Luz (1980) conta que Getúlio Vargas, na década de 1930, usou o rádio para divulgação do seu governo. *A Hora do Brasil*², criada em 1934, era obrigatória em todas as emissoras e exaltava seus feitos políticos.

A chamada “fase do ouro” do rádio brasileiro é marcada por uma ação do governo, a estatização, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em 1940. Federico (1982) conta que o apoio governamental fez com que esta se firmasse e se tornasse a mais importante emissora do país criando um padrão de estética radiofônica. Na estratégia de Vargas, a Rádio Nacional era vista como um instrumento capaz de integrar o país e serviu como um modelo de ação política de seu governo.

A autora conta que a Rádio Nacional passou a criar programas inéditos com agências de publicidade, originando sucessos no jornalismo como *Repórter Esso* (1941-1968) e na dramaturgia com algumas radionovelas. Empresas multinacionais passaram a ter no rádio um aliado para sua entrada no mercado brasileiro. Em 1941 foi lançada na Rádio Nacional a primeira radionovela do país: *Em busca da Felicidade* do cubano Leandro Blanco.

As radionovelas eram produções ambiciosas apresentadas em até 120 capítulos

² *A Hora do Brasil*: atual *A Voz do Brasil* é veiculada em todas as frequências de 19 às 20h diariamente.

diários. Os programas de auditório e de calouros também ganharam espaço na Nacional e revelaram novos talentos.

O rádio como um todo se profissionalizou e as emissoras contrataram técnicos e artistas a peso de ouro. Com diversas emissoras espalhadas pelo país, o veículo se consolidou como fenômeno social e mostrou seu potencial para vender produtos, impor modas e valores, transformar artistas em ídolos estimulando o surgimento de fãs-clubes e revistas especializadas em rádio (FEDERICO, 1982, p. 47).

Outro momento político importante do rádio, que desta vez serviu à democracia, foi a formação de uma rede de emissoras de rádio para a transmissão da Campanha da Legalidade, para assegurar a posse do vice-presidente João Goulart, que se encontrava fora do país naquele momento. A campanha venceu uma conspiração militar e Jango assumiu o governo, após a aprovação de uma emenda constitucional, que instituiu o parlamentarismo no Brasil no ano de 1960.

Com o surgimento da TV, na década de 50 do século passado, o rádio sofreu uma decadência. Federico (1982) afirma que os profissionais apostavam que o meio radiofônico fosse acabar e arriscaram em carreiras na TV e o público foi atraído pela novidade da imagem.

O rádio perdeu alcance e público. Federico (1982) conta que a primeira emissora de TV do Brasil foi fundada em 1950. A TV levou cerca de 10 anos para se consolidar no país, pois o custo do aparelho era alto. Os empresários do novo veículo tiraram do rádio muitos artistas, funcionários e anunciantes e as primeiras programações e comerciais televisivos eram praticamente um “rádio com imagem”.

A autora afirma que, na década de 60 do século XX, o rádio passou a reduzir custos e simplificar a programação, na qual passou a predominar músicas e notícias. Mas o rádio conseguiu se reestruturar com o advento do transistor no país, as criações das rádios FM, o investimento no radiojornalismo esportivo - que contribuiu para a mobilização da massa - e programas de humor como o *Patrulha da Cidade*, apresentado pela Rádio Tupi.

Já na década de 70, músicas com mensagens metafóricas eram muito executadas nos rádios, numa tentativa de driblar a censura. Entre as mais tocadas estavam composições de Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil. O governo estimulava a faixa FM, de melhor qualidade sonora do que a AM, distribuindo novas frequências. A FM mostrou-se lucrativa e passou a imitar o modelo norte-americano com muita música estrangeira e pouca conversa. Com isso as emissoras FM passaram a dividir com as da AM um bolo publicitário que já estava diminuindo. As emissoras AM ficaram com o público mais maduro e as FM com o mais jovem.

Federico (1982) conta que a década de 80 foi marcada pelo aparecimento das rádios livres e comunitárias³. Também surgiram nessa época, rádios ligadas a segmentos culturais e religiosos. As emissoras procuravam atender diferentes faixas de público. As AM's com notícia, esporte e humor e as FM's com entretenimento, música, humor e curiosidades.

Federico (1982) afirma que o rádio continua sendo um dos principais meios de comunicação de massa do Brasil, apesar da concorrência com a TV e outros meios. Parada (2000) explica que , na década de 90, o rádio começou a mostrar seu potencial de convergência com a Internet, meio no qual é mais fácil se transmitir áudio. Algumas emissoras criaram sites e passaram a disponibilizar sua programação na Internet de modo a permitir que o internauta ouvisse a emissora em tempo real ou também acessasse arquivos sonoros disponíveis no site.

O Rádio passou por altos e baixos ao longo dos anos. Temeu ser substituído pela televisão. Mas, chega ao século XXI ainda com sua relevância no cenário mundial, pois conseguiu se adaptar e se aliar às novas tecnologias do século. (PARADA, 2000, p. 21).

³ Rádio comunitária é uma pequena estação de rádio criada para proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Sua finalidade é dar condições à comunidade de ter um canal de comunicação dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas idéias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais". Retirado do site <http://www.radiocircuitofm.com.br/comunitaria.htm>, acessado em 20/05/2008.

Portanto, apesar de passar por tantas oscilações, o rádio continua tendo alcance significativo como meio de comunicação. As características propulsoras dessa condição do rádio são o imediatismo e o formato da notícia. Para que estes dois fatores se condensassem, o meio de comunicação precisou desenvolver técnicas para a estruturação da informação.

1.2 Conceitos e características da informação no rádio

O imediatismo das informações tornou o rádio um meio de comunicação indispensável quando o assunto é notícia. Para se manter sempre atualizado sobre os acontecimentos que ocorrem durante o dia, nenhum outro meio tem essa capacidade com agilidade.

Para Mauro Wolf (2001), os acontecimentos cotidianos passam por uma transformação até virarem notícia. O principal intercessor é o profissional da informação, uma vez que é ele o intermediário entre o acontecimento e a sua narrativa.

Hohlfeldt (2001) afirma que o *Newsmaking* é um processo de fazer notícia. Trata-se de uma teoria desenvolvida por sociólogos que, ao observarem o cotidiano das redações, viram como os jornalistas “fazem” a notícia. Kurt Lewin⁴, citado por Hohlfeldt, acompanhou, em 1947, um importante órgão da imprensa norte americana e concluiu que de cada dez notícias chegadas à redação, apenas uma se transformava em notícia. Hohlfeldt (2001) afirma que, com este estudo, Lewin observou que os processos de informação têm em si mesmos uma função e controle social desenvolvido por vários fatores que vão desde a política da empresa até à capacidade de entretenimento da notícia.

Tais distorções, por conseqüência, somar-se-iam a outras motivações para que se buscasse compreender a influência dos processos informacionais de largo ou longo prazo, eis que a omissão constante, ou, ao contrário, a ênfase permanente em determinados temas, chegaria a interferir diretamente na percepção de mundo externo por parte dos telespectadores da TV. (HOHLFELDT, 2001, p.207).

⁴ Psicólogo e sociólogo alemão que afirmava que as variações individuais do comportamento humano são condicionadas pelas percepções que o indivíduo tem de si mesmo e pelo ambiente psicológico em que se insere.

Hohlfeldt (2001) considera o *gatekeeper* o selecionador, responsável por abrir e fechar o portão do acontecimento. É a chamada distorção inconsciente, ou seja, uma distorção que ocorre inconscientemente, sem que o próprio jornalista perceba. Essa distorção significa que há uma seleção, baseada em valores organizacionais, mercadológicos e percepções do jornalista ao escolher aquilo que virará notícia. Até a notícia ser publicada ela é trabalhada. O selecionador escolhe o ângulo, o enfoque de interesse da editoria. Assim conclui-se que há uma lógica específica dos meios de comunicação de massa, que Hohlfeldt (2001) afirma que escapa aos interesses do ouvinte. Desse modo, notícia que seria extremamente importante a certo grupo de pessoas é descartada, chegando a interferir diretamente na percepção de mundo por parte de ouvintes.

O autor afirma que, mais tarde, o estudo sobre o *Newsmaking* levou à exclusão do posto de *gatekeeper*, mas a teoria não morreu. Nas redações, a produção da notícia se dá através de dois grandes blocos: a cultura profissional dos jornalistas e a organização específica do trabalho e dos processos produtivos da informação, em suas relações e conexões, consideradas em cada veículo.

Hohlfeldt (2001) diz que o jornalista utiliza de critérios escolhidos entre os colegas (redação). “Os jornalistas vão aprendendo isso por osmose, vendo os outros trabalharem” (HOHLFELDT, 2001, p. 201). Tal atividade não possui caráter individual, acentuando-se a idéia da seleção com processo hierarquicamente ordenado e ligado a “*feedbacks*”.

O jornalista, então, torna-se responsável pelo controle da informação, seleção, difusão, programação. A linha editorial e política dos jornais é imposta através desse processo de seleção. São os critérios da seleção do ambiente em que trabalha.

Jornalistas produzem notícias para o público em geral. Eles não o conhecem, têm apenas uma imagem. Eles buscam notícias que se identificam com o ouvinte, para criar uma sensação de interação, identificação. Conforme Hohlfeldt (2001), as notícias que mais

agradam o público são as de serviço. O público gosta de notícias rápidas e ligeiras.

Hohlfeldt (2001) diz que definida a noticiabilidade como o conjunto de elementos através dos quais os órgãos informativos controlam e gerem a quantidade e o tipo de acontecimento, de entre os quais há que selecionar as notícia, podemos definir os valores-notícias como um componente da noticiabilidade.

Valores notícias são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído. (HOHLFELDT, 2001, p.210).

Os critérios substantivos articulam-se, essencialmente, em dois fatores: importância e o interesse da notícia. A importância pode ser determinada por três variáveis: o grau e o nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável, o valor da notícia e o grau de poder institucional. Quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas da elite, mais provavelmente se transformará em notícia. Além disso, o valor da notícia e a “importância” de um acontecimento têm a ver com o grau do poder institucional, com a autoridade e a hierarquia governamental, levando à utilização de fontes oficiais e de nível elevado.

Para se informar um público, é necessário atrair sua atenção, afinal, não há muita utilidade em fazer um tipo de jornalismo aprofundado e cuidadoso, se a audiência manifesta o seu aborrecimento mudando de canal.

Hohlfeldt (2001) afirma que há alguns critérios que definem as informações noticiáveis. São eles:

- Relativos ao produto: dizem respeito à disponibilidade de materiais e características específicas do produto informativo. Assim, refere-se à acessibilidade do acontecimento, ou seja, à sua localização e ao acesso da equipe ao local. Tem a ver com a capacidade de dramatização ou entretenimento da notícia.

- Relativos aos meios de comunicação: é preciso ter bons materiais que ilustrem os aspectos salientes do acontecimento. Além disso, o valor da notícia está diretamente associado aos critérios de relevância relativos ao público, seja da finalidade de o entreter, seja de não cair no sensacionalismo.
- Relativos à concorrência: uma notícia pode ser selecionada porque se espera que os *mass media* concorrentes façam o mesmo. Assim, desencorajaram as inovações na seleção das notícias, que poderiam causar objeções por parte dos níveis hierárquicos superiores.
- Relativos ao público: se referem à imagem de que o profissional ou o veículo se preocupam em atender ao seu público. Na verdade, o jornalista mal conhece o seu público, mas informa aquilo que deseja que fosse informado. Utilizando técnicas como a narrativa deve entreter e distrair o ouvinte, atender ao interesse de informação. Evita-se noticiar o que é traumático ou causar ansiedade desnecessária.

Outro fator importante para o rádio é a construção da mensagem. Desde a apuração, passando pela redação até a emissão da informação, o rádio necessita de uma linguagem própria, que prima pela praticidade.

A simplicidade, a força e a clareza das frases são importantes porque, em geral, ouve-se fazendo alguma outra coisa. É raro o ouvinte que fique completamente concentrado na programação. São várias situações que dividem a atenção da pessoa: o barbear, as tarefas da casa, o trabalho ou então, o que é mais comum nas grandes cidades, dentro de seu carro (PARADA, 2000, p.50).

Parada (2000) afirma que o rádio sofreu momentos de valorização e esquecimento. Para o seu aperfeiçoamento esse meio de comunicação teve também que aperfeiçoar algumas técnicas. O rádio tornou-se um meio de comunicação de simplicidade e popularidade. Para isso, a informação no rádio foi adaptada às exigências do meio, como imediatismo e fácil

entendimento. Para que a transmissão das informações seja clara, algumas técnicas devem ser usadas.

O autor observa que a notícia no rádio pode ser caracterizada de várias formas:

- a) Proximidade: a notícia precisa falar de algo que seja do interesse do ouvinte.
- b) Relevância: o assunto deve ser de grande interesse público, com alguma utilidade para suas vidas.
- c) Imediatismo: relatar para os ouvintes o que acontece no “aqui e agora”.
- d) Interesse: adicionar o que a audiência precisa saber com o que o veículo tem interesse em querer passar para seu ouvinte.
- e) Drama: contar a história com arte sem perder a integridade e a credibilidade da notícia.
- f) Entretenimento: saber transmitir notícias “sérias” mas sem deixar, de ser também uma companhia para seu ouvinte durante a transmissão, falando de assuntos que o fazem sorrir.

Temas/Quadros

Hora certa: a hora deve ser informada ao ouvinte de minuto em minuto, para que o mesmo fique sempre atento aos seus horários, após ter acabado de acordar.

Emergências: alguma notícia como: um incêndio, um congestionamento em alguma via ou avenida importante do trânsito.

Denúncias: jornalismo investigativo, que desperta a atenção das pessoas para algo importante que está acontecendo, por exemplo, o mensalão.

Atos de governo: tudo que as autoridades fazem que vá afetar de alguma forma a vida do interesse público, causando impacto no ouvinte.

Conflitos e debates: temas polêmicos que podem mudar a vida das pessoas e que

devem ser discutidos, sem resvalar no sensacionalismo.

Saúde: novidades da medicina e medicamentos, mas sem transformar a emissora em um consultório.

Reclamações de ouvintes: levar as reclamações dos ouvintes para as emissoras, dando preferência àquelas que dizem respeito às comunidades e sempre tentando buscar respostas.

Dá para resolver: mostrar soluções simples para grandes problemas, tornando a emissora um veículo útil para o ouvinte.

Previsão do tempo: uma notícia que não pode faltar porque muitas vezes os ouvintes dependem dela até mesmo para saber com qual roupa sair de casa e qual trajeto melhor para evitar transtornos no trânsito.

Trânsito e estradas: é o tipo de notícia obrigatória. O ouvinte quer e precisa saber o que vai ser importante para ele no seu percurso.

Ver um repórter de rádio como um inimigo de texto, como alguém que tem menos trabalho com a palavra escrita é um erro primário. No rádio, a escrita tem que ser rápida e objetiva, deve haver economia de palavras e o encadeamento claro e simples das idéias, para que o ouvinte possa compreender facilmente a informação no momento exato da escuta. Objetividade é ir direto ao assunto. Os textos de rádio normalmente são “manchetados”, ou seja, são produzidos em forma de manchetes, para mais de um locutor. O tamanho tem que ser ideal para que a pessoa não perca o fôlego, feito para ser lido em períodos curtos.

No rádio, a edição pode ser entendida como uma transformação de depoimentos em uma matéria, com lead, sub-lead e apenas um ou mais trechos dos entrevistados. Parada (2000) afirma que o trabalho de edição numa rádio jornalística dá ao profissional uma visão geral do processo de produção da emissora e também a respeito da infinidade de assuntos

presentes no noticiário. Fazendo a edição, o repórter desenvolve capacidade de resumo, proporcionando um conhecimento de vários assuntos. Os jornalistas têm que ter regras importantes para escrever um bom texto: escrever do jeito que se fala; colocar-se no lugar do ouvinte, ou seja, ele tem que ouvir e entender o que foi escrito pelo repórter; escrever com simplicidade, ser claro e objetivo nas frases que escrever; não esquecer que toda frase precisa de verbo, a ação tem que ficar clara para o ouvinte e não usar gerúndio, mas empregar o verbo no infinitivo para textos que expressem força no seu sentido.

Usar palavras certas, em lugares certos, para não confundir o ouvinte. Não usar expressões da Redação, porque se escreve para ouvintes e não para jornalistas. Evitar palavras estrangeiras, porque algumas são usadas de forma incorreta causando negativismo na escrita da frase. (PARADA, 2000, p.32).

Marcelo Parada (2000) observa que ser original é muito importante para que não haja repetição nas frases.

“Economizar palavras, vá direto ao assunto. Evitar usar números quebrados para não dificultar a compreensão sempre os arredonde. Escrever números por extenso, para melhor compreensão do locutor.” (PARADA, 2000, p. 34)

O principal desafio da pauta é não transformar a rádio de notícia em refém dos acontecimentos do dia. Há fatos que não podem ser questionados como, por exemplo, uma rebelião, um grande congestionamento, um crime, que exigem a presença de um repórter. Como é esperado, uma rádio jornalística acompanha e informa os acontecimentos mais importantes.

A vida em Redação requer, cada vez mais, planejamento e organização. É furada a idéia romântica de que a atividade jornalística é movida a inspiração e dispensa a ordem. Quem considera a sua atividade apenas como um dia após o outro provavelmente não será bem-sucedido. A rigor, uma Redação funciona por força da inércia. O modo de produção tem vida própria. Sem mão forte, o dia-a-dia estabelece uma ditadura insuperável. (PARADA, 2000 p.86)

A rádio de notícias fica no ar 24 horas, com algumas regras a serem cumpridas. Segundo Parada (2000), o rádio não pode ser pautado a partir dos fatos do dia anterior ou com

repercussões do que está no jornal, pois isso empobrece sua programação. Ao contrário do que acontece no meio impresso, o rádio não tem hora para fechar devido ao imediatismo das informações. Por isso esse meio supera os demais, as notícias no rádio são mais rápidas, mais imediatas.

1.3 A história da Rádio Itatiaia

O imediatismo do rádio e a sua disponibilidade 24 horas por dia popularizaram a mídia. Martins e Costa (2002) observam que essa disponibilidade dava ao rádio a possibilidade de inovar nos programas, nos temas abordados. O meio de comunicação, que no começo era quase totalmente dirigido ao jornalismo, abriu espaço para outros estilos como o esportivo, programas de auditório e as telenovelas.

Martins e Costa (2002) afirmam que por volta de 1948, Belo Horizonte contava com duas grandes emissoras, todas seguindo o formato da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Com seu novo transmissor de 50 kilowatts e um total apoio do governo do Estado, estava na liderança a Rádio Inconfidência. Em segundo lugar estava a Guarani.

A Rádio Itatiaia foi fundada com o intuito de ser uma rádio que “afastasse a receita consagrada dos radioteatros e dos programas de auditório, que abrisse espaços mais generosos para esportes e notícias” (MARTINS e COSTA, 2002, p.3). Os autores afirmam que o seu fundador, Januário Carneiro, trabalhava como redator do jornal O Diário escrevendo sobre futebol e também era comentarista esportivo da rádio Guarani de Belo Horizonte. No dia 21 de julho de 1951, Januário Carneiro protagonizou a primeira transmissão da Rádio Itatiaia, em Nova Lima, com uma estação com 100 kilowatts, a menor potência permitida por lei, em caráter experimental..

As condições precárias e a falta de equipamento não impediram que a rádio Itatiaia se destacasse na década de 1950 pela sua tendência às transmissões esportivas. Martins e Costa

(2002) afirmam que a inauguração oficial da rádio Itatiaia, que já contava com equipamentos mais modernos e uma equipe maior e mais profissional aconteceu em 20 de janeiro de 1952, em Belo Horizonte.

Com uma equipe que começava a pegar a embocadura e equipamentos afinados da melhor maneira possível, a Itatiaia estava pronta para a inauguração oficial. A data fora escolhida com cuidado: 20 de janeiro de 1952, aniversário do Januário e dia de São Sebastião. Um grande jantar reuniu autoridades municipais e estaduais no Restaurante Cinédia. (MARTINS e COSTA, 2002, p. 8)

A professora Nair Prata (2003) conta que em setembro de 1952, um fato marcou a história da radiofodifusão em Belo Horizonte. Foram realizados na capital os Jogos Olímpicos Universitários e a rádio Itatiaia cobriu todas as disputas, com uma equipe sem experiência, sem carros, sem linhas de som e com apenas um telefone. Foi uma demonstração de força de um novo modelo de rádio.

Prata (2003) afirma que a Rádio Itatiaia começou a investir no jornalismo. A primeira grande reportagem da emissora foi o acompanhamento de um crime que aconteceu no Parque Municipal, atraindo a atenção de milhares de ouvintes no ano de 1954.

A primeira grande reportagem foi o acompanhamento de todos os lances envolvendo o chamado Crime do Parque Municipal, que atraiu as atenções e as curiosidades da sociedade belorizontina do início da década de 50. As três grandes emissoras da cidade não mudaram as suas programações por causa do noticiário envolvendo o crime e o julgamento do principal acusado. Mas, como era grande o interesse popular pelo assunto, a Itatiaia instalou um posto de transmissão no auditório do Fórum Lafayette, onde aconteceu a sessão para julgamento do assassino. A transmissão foi feita ininterruptamente durante 42 horas, com a dublagem, ao vivo, de todos os debates do júri. Tudo que acontecia no tribunal era retransmitido pela rádio. Esta cobertura, em 1954, marcou a história da Itatiaia e o momento em que as outras emissoras começaram a prestar atenção na concorrente que surgia. (PRATA, 2003, p.8).

Gradativamente, a Rádio Itatiaia alcança, em 1957, o posto de quarta emissora do Brasil e a primeira em Minas Gerais. Martins e Costa (2002) afirmam que até o início da década de 60, a rádio Itatiaia fundamentou sua programação sobre duas bases: esporte e jornalismo, a partir de grandes coberturas locais e internacionais. No final de 1960, a emissora desenvolveu outra técnica, com programas musicais para o público que não se interessava por

jornalismo nem futebol. Começaram, assim, os programas musicais.

Na década de 70, a Rádio Itatiaia já era reconhecida como emissora importante no cenário radiofônico mineiro. Martins e Costa (2002) observam que no final da década de 80, a rádio Itatiaia alcançou o primeiro lugar de audiência em Minas Gerais.

Prata (2003) ressalta que dessa data em diante, a Itatiaia inicia um processo contínuo de crescimento patrimonial e de grandes coberturas jornalísticas e esportivas, que são responsáveis pelas lideranças de audiência da emissora até os dias atuais.

De acordo com o site da emissora, a rede Itatiaia é hoje a maior rede de rádio de Minas Gerais. Sua emissora líder, a Rádio Itatiaia AM/FM, está direcionada especialmente ao jornalismo, esportes e prestação de serviços, detendo cerca de 90% de audiência nestes segmentos. A cobertura da Itatiaia atinge 92% do Estado e sua transmissão alcança quase 800 municípios mineiros com o advento da rede ITASAT⁵, possuindo faturamento maior do que a TV Globo local, fato único no Brasil.

Pelo tempo de vida e sua abrangência no mercado radiofônico, a rádio Itatiaia foi pioneira a aplicar certas tendências do mercado de trabalho, como a abertura à atuação feminina e a aplicação do esporte no rádio. Outro fator que contribui para esse avanço é a grande visibilidade que um meio de comunicação alcança, principalmente quando possui um mercado local tão necessitado de uma mídia, como aconteceu na época do surgimento da Itatiaia.

⁵ “A Rede Itasat é constituída por emissoras da própria Rede Itatiaia e por mais de 50 estações afiliadas que captam as transmissões via satélite da Rádio Itatiaia AM/FM e as retransmitem para a sua região”. Retirado do site http://www.itatiaia.com.br/rede_itasat/paginas.php?pg=3, acessado em 20/05/2008.

2 A MULHER NA SOCIEDADE E NO MERCADO DE TRABALHO

O objetivo deste segundo capítulo é apresentar como se deu a inserção feminina no mercado de trabalho e no rádio. Essa história é marcada por muita luta e conquista de direitos importantes, que deram à mulher equidade em relação ao homem.

2.1 A evolução feminina

Na Grécia, a mulher ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de executar trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelos homens, excluída da esfera pública. Alves e Pitanguy (1981) afirmam que a mulher não só gerava, amamentava e criava os filhos, como produzia tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação. As autoras observam que, limitando o horizonte da mulher, ela era excluída do pensamento, do conhecimento, tão valorizado pela civilização grega.

Esse sistema prevaleceu durante a Idade Média. Alves e Pitanguy (1981) afirmam que, a partir do século XIII em diante, foram introduzidos os princípios da Legislação Romana⁶. As mulheres passaram a gozar de alguns direitos, garantidos por lei e pelos costumes.

Assim, quase todas as profissões eram-lhes acessíveis, bem como o direito de propriedade e sucessão. No que se refere a atuação política, há exemplos de mulheres da burguesia participando de assembleias, com direito a voto. Em Bigorre (França), desde o século XI, existiu sufrágio universal, e as mulheres, quando proprietárias, participavam das discussões dos contratos da comunidade. (ALVES e PITANGUY, 1981, p. 16)

O mundo do trabalho e o mundo doméstico eram coincidentes. Alves e Pitanguy (1981) lembram que a função de reprodutora da espécie, que cabia à mulher, favoreceu a sua subordinação ao homem. A mulher foi sendo considerada mais frágil e incapaz para assumir a direção e chefia do grupo familiar. O homem, associado à idéia de autoridade devido a sua

⁶ Preconizavam entre outras leis, aquelas relativas ao Direito de Família e o Sucessório, em que as mulheres tinham direito ao divórcio, à herança, caso tivessem filhas, e à sucessão.

força física e poder de mando, assumiu o domínio dentro da sociedade. Assim, surgiram as sociedades patriarcais, fundadas na figura do homem, do chefe de família.

A idéia de detenção dos bens e a garantia da herança dela para as gerações futuras levaram o homem a interessar-se pela paternidade. Assim, a sexualidade da mulher foi sendo cada vez mais submetida aos interesses do homem, tanto para o repasse dos bens materiais, através da herança, como na reprodução de seus herdeiros. A mulher passou a ser de posse do homem, como forma de ele perpetuar-se através da descendência. A função da mulher foi sendo restrita ao mundo doméstico, submissa ao homem.

As sociedades patriarcais permaneceram ao longo dos tempos, mesmo na sociedade industrial. Porém, nas sociedades industriais, Alves e Pitanguy (1981) lembram que o trabalho se divide do mundo doméstico. As famílias multigeracionais vão desaparecendo e forma-se a família nuclear (pai, mãe e filhos). Permanece o poder patriarcal na família, mas a mulher das camadas populares foi submetida ao trabalho fabril. No século XIX, o abandono do lar pelas mães que trabalhavam nas fábricas levou à desestruturação dos laços familiares, das camadas trabalhadoras e os vícios decorrentes do ambiente de trabalho promíscuo fizeram crescer os conflitos sociais.

A divisão entre o mundo doméstico e o mundo do trabalho para as mulheres começou nas sociedades industriais. Alves e Pitanguy (1981) afirmam que a revolução industrial incluiu o trabalho da mulher no mundo da fábrica, separou o trabalho doméstico do trabalho remunerado fora do lar. A mulher foi incorporada subalternamente ao trabalho nas fábricas. Em tempos de ampliação da produção se acionava a mão de obra feminina junto à masculina. Nas fases de crise, substituíam-se o trabalho masculino pelo trabalho da mulher, porque o trabalho da mulher era mais barato. A remuneração do trabalho da mulher sempre foi inferior a do homem. A dificuldade de cuidar dos filhos levou as mulheres a reivindicarem escolas, creches e direito à maternidade.

Na sociedade capitalista, persistiu o argumento da diferença biológica como base para a desigualdade entre homens e mulheres. As mulheres eram vistas como menos capazes que os homens. O direito de propriedade passou a ser o ponto central. Desse modo, a origem da família passou a ser controlada de forma mais rigorosa, levando a desenvolver uma série de restrições à sexualidade da mulher.

Alves e Pitanguy (1981) contam que, no século XX, as mulheres começaram uma luta organizada em defesa de seus direitos. A luta contra as formas de opressão a que eram submetidas foi denominada de feminismo e a organização das mulheres em prol de melhorias na infra-estrutura social foi conhecida como movimento de mulheres.

Simone de Beauvoir (1980) explica que a mulher se deixou submeter à tirania do homem durante toda a história humana. A mulher é o “outro”, diz ela, a alteridade que ajuda o homem a se compreender. E enquanto este vive uma existência plena como indivíduo, a mulher carrega consigo as obrigações para com a espécie.

Em seus estudos, Beauvoir (1980) descobre que, ao interrogar o que é uma mulher, ela descobre que a mulher não tem essência. Isso para a autora tem dois motivos: o primeiro é que a mulher foi tida como “o outro” do homem, isto é, definida em função deste; o segundo, é que ninguém nasce uma mulher, torna-se mulher devido às representações que presencia ao longo de sua vida, ou seja, diante dos modelos que lhe são apresentados. Depois desta segunda constatação, que motivaria a ausência de essência na mulher, Beauvoir (1980) passa a olhar algumas representações da mulher, desde um ponto de vista fenomenológico: a menina, a moça, a mulher casada, a mãe, a prostituta e a amante, a idosa, e por fim a mulher independente: representações de um movimento, de um processo e não de uma essência.

A resposta a essa condição denominou-se “feminismo”. Beauvoir (1980) afirma que o feminismo aparece como um grande revisor da história. As relações entre feminismo e história são ricas, múltiplas e cheias de caminhos. O feminismo mostrou como a história

apagou a mulher de suas páginas, fazendo que ela aparecesse apenas como um outro do homem. Imagens onde a mulher aparece “produtivamente” são simplesmente esquecidas. Beauvoir (1980) observa que uma das conclusões que o feminismo traz é que a história não é o destino, assim como o corpo também não o é.

Afirmar que a história não é o destino quer dizer aqui que ela não segue nenhum caminho necessário. A história é construída. E como qualquer construção, ela é contingente, pode ser de outra forma. Pode ser desfeita, re-feita, re-construída de outros modos. O social que é o material da história não é sagrado. Não precisamos ter por ele nenhum tipo de reverência que nos impeça de tentar modificá-lo. (BEAUVOIR, 1980, p. 274).

Beauvoir (1980) observa que o pensamento feminista como pensamento da diferença é, sobretudo, uma aposta política. Uma aposta na mudança, na dissolução de diferenças rotuladas pelo pensamento feminista. A autora afirma que o feminismo vem mostrando que, longe de ser um movimento ou discurso ressentido, é um movimento inclusivo. Não acontece uma guerra pela supremacia da identidade feminina. Há, sim, uma batalha pelo fim das identidades rígidas, do preconceito. “O feminismo não é uma guerra das mulheres pelas mulheres. Talvez o feminismo, enquanto movimento e pensamento da diferença seja uma luta por um mundo onde ser homem ou mulher não faça diferença alguma” (BEAUVOIR, 1980, p. 303).

Ser diferente e que isso não faça diferença: o sonho do feminismo. E isso não quer dizer que o feminismo tente fazer iguais mulheres e homens. Beauvoir (1980) observa que o feminismo é a luta contra o enfeitamento dos discursos e práticas que fazem o ser humano pensar que há alguma vantagem ser homem ou mulher.

No decorrer do século XIX, Alves e Pitanguy (1981) observam que havia movimento de mulheres reivindicando direitos trabalhistas, igualdade de jornada de trabalho para homens e mulheres e o direito ao voto. Ao ser incorporada ao mundo do trabalho nas fábricas, a mulher passou a ter uma dupla jornada de trabalho. Ela tinha que cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e também do trabalho remunerado.

Alves e Pitanguy (1981) contam que, após a década de 1940, cresceu a incorporação da força de trabalho feminina no mercado de trabalho, havendo uma diversificação do tipo de ocupações assumidas pelas mulheres. Porém, no Brasil, foi na década de 1970 que a mulher passou a ingressar de forma mais acentuada no mercado.

A partir da década de 60, o feminismo incorpora outras frentes de luta, pois além das reivindicações voltadas para a desigualdade no exercício de direitos políticos, trabalhistas e civis, questiona também as raízes culturais destas desigualdades. Denuncia desta forma, a mística de um “eterno feminino”, ou seja, a crença na inferioridade “natural” da mulher calcada em fatores biológicos. (ALVES E PITANGUY, 1981, p. 54)

No final dos anos 1970, surgem movimentos sindicais no Brasil. A desigualdade de classe juntou os dois sexos na luta por melhores condições de vida. Na década de 1980, quando nasceu a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a bandeira das mulheres ganhou mais visibilidade dentro do movimento sindical. Surgiu, nessa década, a Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora⁷, na CUT.

Pedroso (2007) afirma que em 1988 a mulher conquistou a igualdade jurídica. O homem deixou de ser o chefe da família e a mulher passou a ser considerada um ser tão capaz quanto o homem. A partir da década de 1990, a mulher vem ganhando espaço no mercado de trabalho e livre expressão.

Pedroso (2007), em sua dissertação de mestrado, identificou três momentos da presença feminina nos meios de comunicação de massa: a submissão, presente do início da industrialização até a década de 1930, quando as mulheres não tinham atuação no mercado; a independência, a partir dos anos 1940, quando foi incorporada a força de trabalho feminina no mercado de trabalho; e a virtualização, que ganha força depois dos anos 70, com o surgimento

⁷ O objetivo da criação da Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora era que a CUT entendesse o caráter particular da subordinação das mulheres na sociedade e que esta não se esgotava na exploração de classe, assumindo uma política sindical em relação às mulheres trabalhadoras, tanto para combater as discriminações no mundo do trabalho como para organizá-las sindicalmente e melhor representá-las como parte da classe trabalhadora. Retirado do site <http://www.universia.com.br>, acessado em 20/04/2008.

dos movimentos sindicais, que abriram caminho para a livre atuação no mercado de trabalho⁸.

2.2 Uma análise da mulher no rádio

Araújo e Escalon (2004) observam, que no rádio, o papel da mulher a princípio esteve ligado ao público, ou seja, um público que mais ouvia rádio porque ficava em casa. Na sociedade, o papel da mulher sempre esteve relacionado à submissão ao homem e às tarefas domésticas.

O rádio documentou muitas épocas importantes da história do mundo. A atuação feminina na sociedade abriu as portas para a atuação feminina também no mercado de trabalho. Iniciada no Brasil na década de 20 do século passado, a mídia radiofônica se mostrou receptiva às necessidades femininas. Não demorou muito a descobrir um público consumidor e produtivo. O primeiro programa de rádio feminino foi ao ar em 1930 e tratava de lições de arte culinária⁹. Os que seguiram, por muito tempo, tratavam das novidades para as atividades domésticas e como se portar com os companheiros e a família. Submissa e sem atuação no mercado de trabalho, só restava às boas mulheres atenderem aos conselhos.

Mas não demorou muito para que se descobrisse que, além de consumidoras, as mulheres também eram ótimos produtos a serem consumidos. Dessa forma, desde a década de 30, começaram a migrar para o rádio as estrelas dos palcos.

As mulheres começaram a representar um grupo que não pararia de crescer e o mercado de trabalho apresentaria, a partir de então, melhores condições. Alves e Pitanguy (1980) observam que as condições não eram justas ou iguais às dos homens, mas o respeito e admiração cresceram para as mulheres, muito mais que para os homens.

Mulheres artistas de rádio foram abrindo espaço e, mesmo existindo certo preconceito,

⁸ Disponível no site www.universia.com.br. Acessado dia 12/10/2007.

⁹ Foi apresentado por Hebe Camargo, na TV Record, chamava-se “Mundo das mulheres”.

não era nada comparado com o que artistas de renome sofreram uma década antes, como a compositora Chiquinha Gonzaga. Feminista, ela desafiou e transgrediu muitos costumes machistas na época em que viveu. Em um período em que a mulher era obrigada a viver dentro dos padrões patriarcais, Chiquinha Gonzaga separou-se do marido, estudou música e, foi ela quem, pela primeira vez, promoveu concertos em teatros onde não era permitida a apresentação de certos instrumentos como o violão, pois estes instrumentos mais populares eram considerados pertencentes a um mundo de marginais e prostitutas¹⁰.

Mesmo aparecendo como artistas e cantoras no rádio, vale ressaltar que a imagem da mulher no rádio por muito tempo esteve ligada à arte, à música. Ela não possuía credibilidade o bastante para estar à frente de programas jornalísticos.

Parada (2000) afirma que na fase de ouro do rádio, em 1930, as transmissões de futebol faziam o Brasil vibrar ao som dos rádios. As estrelas femininas das músicas e das radionovelas também estavam em alta, como Emilinha Borba, Dalva de Oliveira, Dolores Duran, entre outras.

Com a evolução da sociedade e do pensamento, as mulheres foram tomando espaço nos mais diversos campos da sociedade. Após conseguirem ser mais valorizadas, elas começaram a ser inseridas no mercado de trabalho.

No rádio, o papel da mulher foi por muito tempo limitado à música e às radionovelas. Na Rádio Itatiaia, desde o seu surgimento, em 1948, o foco sempre esteve no jornalismo e no esporte. Prata (2003) observa que, com a ascensão do esporte, principalmente das coberturas dos jogos de futebol, o profissional atuante sempre foi de sexo masculino, uma vez que era a maioria que se interessava pelo esporte. Outro fator é considerado de acordo com o contexto histórico, já que na década de 1960 a atuação feminina no mercado de trabalho ainda era limitada. A ampliação dessa atuação foi sendo conquistada através do tempo.

¹⁰ Disponível no site www.almanaque.folha.uol.com.br/chiquinha.htm. Acessado dia 28/03/2008.

O apresentador do programa *Observatório da Imprensa*, Alberto Dines, no especial do Dia Internacional da Mulher, em 2007, afirmou que as mulheres dominam a reportagem política de Brasília e que quase o mesmo se aplica nas editorias de economia, de negócios, cultura, de ciência e tecnologia. Ele lembrou ainda que "Nas redações, foram derrubadas as barreiras entre aquela ilha denominada de jornalismo feminino e as baias onde ficavam os chamados porcos chauvinistas".¹¹

Mariza Tavares, diretora executiva da CBN, afirmou que a voz é importante no rádio e que a CNN quebrou esse tipo de paradigma como sendo verdade absoluta, porque a grande vedete é a notícia, a informação. "As pessoas ficam achando que a voz da mulher no rádio seria sussurrante, até uma coisa que despertaria a emoção dos ouvintes. Não precisa ser necessariamente assim, o importante é que ela passe credibilidade." (TAVARES, 2007)¹². Tavares ainda observa que há muita desigualdade a ser vencida e que a mulher avançou muito no Rio e em São Paulo, mas fora desse eixo as mulheres ainda têm que brigar por empregos na área. "O que eu sugiro é que elas nunca se coloquem no papel de mulherzinha e façam valer a sua qualidade de trabalho"¹¹.

Portanto, a atuação da mulher só tende a crescer. Nos meios de comunicação, essa atuação ganhou espaço e está se expandindo cada vez mais, como confirmaremos a seguir.

¹¹ Disponível no site www.tvebrasil.com.br/observatorio. Acessado dia 12/10/2007.

¹² Disponível no site www.tvebrasil.com.br/observatorio. Acessado dia 12/10/2007.

3 A ATUAÇÃO FEMININA NA RÁDIO ITATIAIA

O objetivo deste capítulo é fazer uma análise da atuação feminina nas décadas de 1980, 1990 e na primeira década deste século. A entrevista com três jornalistas que atuaram no rádio nessas diferentes décadas, servirá de fonte para relatar como se deu essa inserção feminina e qual a posição atual da mulher no mercado de trabalho e no rádio.

3.1 Metodologia de pesquisa

Para estruturar uma monografia, é necessário um trabalho de pesquisa, baseado em teorias e práticas. Pesquisa, de acordo com Minayo (1993) é a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta em um indivíduo o conhecimento e atualiza sua opinião frente à realidade do mundo. É uma prática teórica, que se baseia na investigação por um problema com uma questão. Essa investigação pode demandar a criação de novos referenciais.

Os referenciais dos quais cita a autora são as teorias, conhecimentos anteriores construídos por estudiosos e que esclarecem algumas indagações. A teoria é construída para explicar ou entender um fenômeno, um processo ou um conjunto dos mesmos. Souza Minayo (1993) avalia que nenhuma teoria, por mais bem feita que seja, consegue abranger todos os fenômenos e processos. “Teorias, portanto, são explicações parciais da realidade” (MINAYO, 1993, p.18). Entre outras, a autora ressalta as mais importantes funções da teoria: colaborar para esclarecer melhor o objeto da investigação; ajudar a levantar as questões, o problema, as perguntas, e/ou as hipóteses com mais propriedade; permitir maior clareza na organização dos dados e iluminar a análise de dados.

Uma observação importante de Minayo (1993) é a de que deve-se aprofundar em várias obras e autores que trabalham os temas, inclusive aqueles que trazem ideologias

diferentes para elaborar uma boa pesquisa.

A metodologia é considerada uma forma de conduzir uma pesquisa ou um conjunto de regras para ensino de ciência e arte. A autora define metodologia como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ela afirma que a metodologia é um conjunto de técnicas, que devem ser claras, coerentes, elaboradas e capazes de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. Ou seja, a metodologia são técnicas que visam construir pesquisas baseadas em análises teóricas e a prática que as afirmam ou a contrariam.

A metodologia é importante porque ela orienta um trabalho, mas ela tem que ser bem elaborada visando equidade entre teoria e prática. “O endeusamento das técnicas produz um formalismo árido, ou respostas estereotipadas. Seu desprezo, ao contrário, leva ao empirismo ilusório em suas conclusões, ou conclusões abstratas e estéreis” (MINAYO, 1993, p. 16).

A metodologia aplicada nesta monografia se divide em três elementos:

- Definição de amostragem, para identificação dos indivíduos que têm uma relação mais significativa com o problema investigado, neste caso, as mulheres que tiveram ou têm alguma atuação no rádio;
- Coleta de dados, a partir das seguintes técnicas a serem utilizadas na pesquisa de campo:
 - **Entrevista em profundidade:** serve para recolher respostas a partir da subjetividade da fonte, selecionada por deter informações e vivência sobre o assunto. Na pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas com três mulheres que tiveram e têm experiência na Rádio Itatiaia. A primeira jornalista, Glória Lopes, trabalhou na Itatiaia no período de 1956 a 1998 e será considerada, nesta análise, como “representante” da década de 80; a segunda, Tânia Moreira,

trabalhou na Itatiaia no período 1978 a 1998 e será considerada, nesta análise, como “representante” da década de 90 e a terceira jornalista, Camila Dias, trabalha na rádio Itatiaia atualmente e será “representante” nesta análise dos dias atuais. Com isso, pretende-se abordar contextos históricos distintos. O intuito é saber não apenas sobre a atuação no meio de comunicação, mas perceber a conquista da mulher na sociedade, que elas certamente presenciaram. O objetivo foi recolher respostas a partir da subjetividade da fonte, selecionada por deter informações e vivência sobre o assunto. As entrevistas serviram de base de sustentação das teorias citadas ao longo do estudo em relação ao meio de comunicação, o papel da mulher na sociedade e a sua atuação na Rádio Itatiaia. A escolha das fontes foi relacionada a um dos importantes focos da pesquisa, ou seja, analisar se houve mudanças, se elas foram significativas ou construtivas e até que ponto a evolução do rádio ajudou a evolução feminina ou vice-versa. Os instrumentos de coleta de informações usados foram anotações, gravações, telefone (para contato com a fonte) e internet para pesquisa de conteúdo histórico. As entrevistas foram realizadas no período de 10 a 18 de abril de 2008. As perguntas para as entrevistadas abordavam os mesmos temas mas em contextos históricos divergentes. As respostas de Glória Lopes foram gravadas; Tânia Moreira e Camila Dias retornaram as respostas por e-mail.

- **Pesquisa bibliográfica:** Minayo (1993) afirma que a pesquisa bibliográfica é o passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação, ou seja, é necessária a busca de autores, livros e periódicos sobre o tema apontado. Essa pesquisa auxilia na escolha de um método mais apropriado, assim como o conhecimento de pontos de vista divergentes e a autenticidade da pesquisa. Neste estudo, foram pesquisados autores, teorias e conceitos que se aplicam ao rádio e à

atuação feminina na sociedade e nesse meio de comunicação.

Os teóricos que esbasaram esta pesquisa foram: Simone de Beauvoir (1980), que contextualiza em sua obra a situação feminina na sociedade até a década de 1980, o movimento feminista que foi um grande passo para a luta das mulheres e as medidas a serem tomadas para que estas mulheres conquistassem seus direitos; Hohlfeldt (2001), que explicita por que o rádio se tornou um meio de comunicação tão indispensável e importante para a evolução da sociedade. Baseando-se na teoria da comunicação de Mauro Wolf, Hohlfeldt (2001) também explica alguns conceitos e características que a informação deve conter para ser veiculada ao rádio.

Para falar sobre a história do rádio, a sua evolução através dos tempos, foram pesquisados os autores Maria Elvira Bonativa Federido (1982) e Marcelo Parada (2000).

A história da rádio Itatiaia foi explicitada por Martins e Costa (2002) e Prata (2003).

Para análise da posição da mulher na sociedade e no mercado de trabalho foram pesquisadas as autoras Alves e Pitanguy (1981) e Beauvoir (1980). Foi utilizada também como fonte de pesquisa, a entrevista realizada no programa Observatório da Imprensa, exibido no dia 8 de março de 2007 com a convidada Mariza Tavares, diretora executiva da CBN.

- Organização e análise de dados, onde foram analisadas se as teorias pesquisadas e, através das entrevistas com as jornalistas, se confirmaram ou se desmentiam.

3.2 Mulheres que atuaram e atuam na rádio Itatiaia

A presença feminina no rádio se deu nos primórdios da sua geração. Quando o rádio começou a se tornar eletrodoméstico indispensável nos lares, já era possível ouvir vozes

femininas através das radionovelas. Esse, porém, era o único patamar atingível por ela nas rádios. Não havia espaço e as mulheres não tinham credibilidade o bastante para ocupar as redações e produções radiofônicas. Essa situação se modificou com o passar dos anos. A rádio Itatiaia seguiu a tendência do mercado e já contou com um quadro muito reduzido de profissionais mulheres. Atualmente, conta com um número maior de mulheres nas suas produções¹².

Para analisarmos a situação feminina na rádio Itatiaia nas décadas de 1980, 1990 e na primeira década deste século, foram entrevistadas as jornalistas Glória Lopes, Tânia Moreira e Camila Dias.

3.2.1 Desbravando o rádio: o pioneirismo de Glória Lopes

Considerada à frente de sua época, Glória Lopes desmistificou a cultura de que a atuação feminina no rádio estava limitada à produção e bastidores. Dona de uma longa carreira no meio radiofônico, a jornalista começou e terminou sua carreira na mesma área de atuação: o rádio. Em entrevista, ela também conta que precisou de ajuda para ingressar no meio de comunicação e que para permanecer, necessitou de algo muito além, principalmente competência e perseverança.

Eu comecei na década de 1950, no dia 11 de junho de 1956, na rádio Inconfidência, que era na antiga feira de amostra, e foi muito difícil, não foi fácil, porque naquela época a mulher separada do marido era um escândalo, uma vergonha, um insulto, ela era praticamente uma prostituta, então não deveria ser aceita entre moças, por isso eu tive que mexer alguns pauzinhos para poder entrar e trabalhar para a rádio Inconfidência e provar que eu sabia trabalhar¹³.

Iniciada sua atuação no rádio em 1956, Glória Lopes atuou como radialista na rádio Inconfidência, onde começou uma longa carreira de 27 anos e 7 meses. Glória Lopes conta

¹² Como explicitado por Glória Lopes, na década de 80 a rádio Itatiaia contava com três mulheres em seu quadro de funcionários. Atualmente, Camila Dias informou que há 20 mulheres atuando na rádio.

¹³ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 10 de abril de 2008.

que a sua primeira atuação no rádio foi em radionovela. Naquela época, era aceitável a atuação feminina em radionovelas, mas se limitava somente a essa participação. Em 1967, Glória Lopes entrou para a Rádio Itatiaia, fazendo reportagens policiais.

A jornalista apresentou o programa *Polícia é Notícia*, que até 1998, era um dos programas policiais do rádio que mais faziam sucesso em Belo Horizonte. Em 1993, a jornalista se aposentou e deixou de atuar no mercado de trabalho.

3.2.2 Uma paixão e um desafio: a rica trajetória de Tânia Moreira

Paixão pelo rádio e força de vontade definem muito bem a personalidade de Tânia Moreira. A jornalista mostrou que era uma boa profissional e que merecia espaço maior no rádio. Com uma carreira bem definida pela dedicação ao meio radiofônico, Tânia Moreira atuou em uma época em que a sociedade estava mais receptiva às mudanças, o que acarretou em uma aceitação do público e do meio de comunicação.

Os redatores do Jornal da Itatiaia (Samuelito Mares, Evandro Bandeira, e depois, Ronaldo Lenoir, Cida Oliveira e outros que passaram pela redação da Itatiaia), adoravam porque teriam mais opções, e muita coisa era exclusiva, o que entusiasmava também os noticiaristas (Nascimento Filho e Marco Antônio França) na época. Com apenas o Leonel da Mata como repórter de geral no jornalismo, o Acir Antão na política e o Nagib José, Pedro Luiz Carrapeta e Romeu Araújo na área policial, a minha presença como repórter, a primeira do sexo feminino na equipe, era uma novidade que dava o que falar. O público gostava da presença feminina¹⁴.

Tânia Moreira iniciou sua atuação no rádio em 1978, como estagiária na rádio Itatiaia. Orientada pelo chefe de jornalismo na rádio Itatiaia, Márcio Dotti, a jornalista iniciou fazendo matérias gerais sobre Belo Horizonte. Ela afirma que nessa época na rádio Itatiaia, foi a primeira mulher a participar da equipe de noticiaristas do Jornal da Itatiaia. Tânia Moreira conta que deixou a reportagem em 1998, encerrando sua participação em reportagens, direto da França, na Copa do Mundo. Ela conta também que viajou muito pela Itatiaia, dentro e fora

¹⁴ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 15 de abril de 2008.

do Brasil, acompanhando autoridades como repórter. Por motivos particulares, continuou no quadro de funcionários da Itatiaia até fevereiro de 2002, quando, finalmente se desligou.

Atualmente, Tânia Moreira atua na Assessoria de Imprensa do Departamento de Estradas e Rodagens do Estado de Minas Gerais (DER-MG).

Depois de oito meses em Jornal, um dia em Televisão, não tive a menor dúvida de que exercer o jornalismo em Rádio era o desafio que eu mais queria, por isto fiquei mais de 20 anos em Rádio. Hoje, aos 59 anos, prefiro a tranquilidade das redações de Assessorias de Imprensa, pois, escrever releases para outros colegas divulgarem e escrever notícias para o site da empresa (www.der.mg.gov.br) também é muito gratificante¹⁵.

3.2.3 Tempos modernos: o dinamismo de Camila Dias

Inserida em um contexto mais tolerante em relação à atuação feminina, Camila Dias integra uma geração de dois aspectos: radialistas que provam que o rádio é um meio de comunicação que sobrevive à tecnologia e mudança de costumes da sociedade e jornalista que participa de uma parcela de mulheres que estão superando o mercado de trabalho, mostrando a evolução da atuação feminina, com determinação e capacidade.

Parte de uma equipe que, atualmente, conta com outras mulheres atuando em várias editorias, Camila Dias tem a função de noticiarista na rádio Itatiaia. Ela afirma que a atuação feminina na rádio Itatiaia é bastante considerável, mas que nos cargos de maior visibilidade predomina a presença dos homens.¹⁶

3.3 Feminismo – uma luta pela evolução feminina

Com o surgimento de movimentos feministas em prol da igualdade e dos direitos da mulher, surgiram também algumas indagações sobre até que ponto era interessante

¹⁵ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 15 de abril de 2008.

¹⁶ A entrevistada Camila Dias, respondeu à entrevista por e-mail, o que limitou as suas respostas. Ela não teve disponibilidade para fornecer mais informações sobre sua carreira.

estabelecer a liberdade feminina. Segundo Simone de Beauvoir, em 1980, no auge dos movimentos feministas, “o feminismo não era uma luta contra a supremacia da identidade feminina, era uma luta política, ou seja, um movimento por um mundo onde ser mulher ou homem não fazia diferença alguma” (BEAUVOIR, 1980, p.303). Sobre essa afirmação, as jornalistas entrevistadas expuseram diversos pontos de vista.

Glória Lopes conta que não concorda com essa afirmativa. Para ela, mulheres e homens não devem se igualar totalmente, devem compartilhar dos mesmos direitos e deveres, mas devem manter sempre a “sutil” diferença que diverge homens e mulheres. Ela ainda afirma que a mulher deve ser mais atuante, mais “atrevida” na busca de suas conquistas.

Tem que haver diferença, porque se não houver essa diferença acaba aquela meiguice que a mulher tem, ela se torna cult.[...] Eu acho que tem que haver uma diferença sim, senão acaba de vez a família. Então eu não concordo com essa afirmação, acho que a mulher tem que ser mulher em todos os pontos, ser firme, forte, ser atrevida para se conquistar alguma coisa, mas jamais se igualar ao homem em todos os sentidos¹⁶.

Tânia Moreira afirma que “deveria ser assim mesmo, sem discriminação se a pessoa é mulher ou homem”¹⁷

Camila Dias compartilha dessa idéia e complementa que a ideologia do feminismo é a de que a mulher seja tão acatada quanto os homens, porém afirma que os direitos e deveres não devem ser os mesmos, considerando fatores biológicos e sociais. Essas diferenças devem ser reconhecidas para que se conquiste a igualdade entre ambos os sexos.

Acredito que o feminismo seja sim uma luta política e que tenta, sim, fazer com que a mulher seja respeitada como os homens, mas isso não quer dizer que um seja igual ao outro, são diferentes que merecem direitos diferentes para serem parecidos¹⁸.

¹⁶ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 10 de abril de 2008.

¹⁷ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 15 de abril de 2008.

¹⁸ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 18 de abril de 2008.

3.4 A mulher e o rádio

Na década de 30 do século passado, o rádio achou na mulher um público alvo promissor e bastante consumista. Assim, as rádios começaram a produzir programas voltados para o público feminino, mas ainda sem abertura para elas atuarem nas redações. Glória Lopes afirma que até a década de 1980, na rádio Itatiaia a programação voltada para o público feminino ainda abordava os afazeres da dona de casa e da boa esposa.

A programação nessa época era voltada para a dona de casa, ensinar a cozinhar, a fazer arroz, feijão, uma carne assada, moda, como deve se pintar, se pentear, se vestir, essa “baboseira” de hoje mesmo. Nunca encararam a mulher como ser humano, que enfrenta todos os problemas. Os programas eram dedicados à mulher como dona de casa.¹⁹

Já na década de 1990, a programação voltada para o público feminino mudou significativamente. Tânia Moreira relata que em 1990 a programação das rádios para esse público específico ainda era limitada, mas focava no interesse das mulheres, como relatado por Glória Lopes.

A inserção da mulher como jornalista no rádio se deu na década de 1960. Glória Lopes afirma que os costumes e pensamentos da sociedade dificultaram bastante essa inserção. Antigamente, mulheres que trabalham eram aquelas que necessitavam de dinheiro para se sustentar, já que não eram mais sustentadas por suas famílias e maridos. Para atingir essa situação, a mulher tinha que ter se separado, o que era considerado imoral na época. Tais costumes rígidos impediram a atuação feminina não somente no rádio, mas no mercado de trabalho em geral.

Os primeiros programas com mulheres atuando nas redações da rádio Itatiaia foram *Mundo Mulher*, apresentado por Vânia Carvalho, *Polícia é Notícia*, programa policial comandado e apresentado por Glória Lopes.

¹⁹ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 10 de abril de 2008.

Glória Lopes afirma que ainda há uma resistência quanto a ceder cargos de produção nas redações. Predominantemente esportiva, a rádio Itatiaia sempre apostou na atuação masculina para estar à frente dos seus programas.

Para poder colocar uma narradora de jornal, uma noticiarista na rádio Itatiaia foi agora há pouco tempo. Eu já vinha falando com o Manuel Carvalho para colocar a Janete, que é uma menina boa, com uma voz boa, preparada, mas sabe como é que é né, a gente dando palpite não adiante muita coisa. Aí eles virão que outros colocaram, aí colocaram também, mas a mulher no rádio continua com as tarefas menos importantes, fazer uma “produçãosinha” ou outra coisa, só pra poder dizer que tem mais mulher, mas ninguém dá uma oportunidade²⁰.

Prata (2003) observa que a programação da rádio Itatiaia sempre teve foco nas transmissões esportivas. Tânia Moreira e Camila Dias divergem quando se refere ao carro chefe da rádio, o esporte. Tânia Moreira afirma que na década de 1990 essa característica da Itatiaia não impediu a contratação de mulheres no meio de comunicação. Camila Dias já conta que atualmente, ela acredita que há certo preconceito por parte dos profissionais consagrados no que se refere a mulher no esporte²¹.

3.5 As conquistas femininas

Em 1988 a mulher conquistou a igualdade jurídica, sendo considerada tão capaz quanto o homem. Essa condição contribui para a inserção feminina no mercado de trabalho. Tânia Moreira afirma que nessa época na rádio Itatiaia foi a primeira mulher a participar da equipe de noticiaristas do *Jornal da Itatiaia*. Ela ainda conta que havia a presença de outras mulheres na rádio, porém com funções de menos responsabilidade. Entretanto, em comparação com histórico dos anos anteriores, Tânia afirma que desde sua época de ingresso na rádio Itatiaia percebeu uma evolução e aumento da participação feminina. A jornalista ainda conta que a repercussão e aceitação do público foi positiva.

²⁰ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 10 de abril de 2008.

²¹ Atualmente, a equipe de esportes conta com uma única mulher, a repórter Danielle Rodrigues.

A repercussão foi positiva, o público gostava, os entrevistados gostavam de ser entrevistados por uma mulher, a antiga Revista do Rádio fez matéria com minha foto, destacando a presença feminina no Jornalismo da Itatiaia.²²

A virada do século XXI trouxe algumas mudanças para o comportamento da sociedade. Os relatos de Camila Dias, atualmente trabalhando na rádio Itatiaia confirmam essas mudanças, mas ainda abrem um precedente para a conscientização de que é preciso que as mulheres lutem por direitos iguais aos dos homens. A jornalista relata que sua inserção na rádio Itatiaia não foi difícil, mas que tem sempre que provar que faz um bom trabalho. “É um trabalho constante e diário. A carreira se constrói dia a dia. Não é um trabalho fácil, mas depende mais do profissional que da empresa. Você mostra seu trabalho e aos poucos se adapta às regras”²³.

A mulher atuando nas redações também é um fator relevante, pois trata-se de um indicador da posição feminina no mercado de trabalho. Camila Dias afirma que na rádio Itatiaia, a atuação da mulher é bastante considerável, porém para os cargos de maior visibilidade predomina a presença do homem²⁴.

3.6 Evolução: uma questão de conhecimento

De acordo com os pesquisadores Alves e Pitanguy (1981), no século XX, as mulheres começaram uma luta organizada em defesa dos seus direitos. Se tomarmos como base a posição atual da mulher pode-se concluir que os avanços foram notórios, mas não foram completos ou plenos devido a vários fatores. O mais importante sob o ponto de vista de Glória Lopes é a questão da educação no Brasil. Segundo ela, a educação é a base de uma conscientização mais clara e para que as mulheres lutem por cargos mais expressivos. Outro

²² Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 15 de abril de 2008.

²³ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 18 de abril de 2008.

²⁴ Dados sobre a escalação dos comunicadores por programas disponível em entrevista concedida a esta pesquisadora em 18 de abril de 2008. Entrevista na íntegra, nos anexos.

fator importante apontado pela jornalista são os costumes e pensamentos retroativos que não foram abolidos e que continuam sendo obstáculos nas conquistas femininas.

Elas têm menos oportunidades que o homem e nós ainda temos aquela coisa dos nossos pais e avós de que a mulher nasceu para ser dona de casa, mãe de família. Isso, infelizmente, nos leva a uma condição inferior ao homem, porque ele acha que é o todo poderoso e a mulher fica para trás, achando que sua obrigação é cuidar dos filhos, da casa, e isso toma seu tempo²⁵.

As jornalistas destacaram que ainda existem injustiças. Tânia Moreira destacou que há disparidades, principalmente na área trabalhista, onde muitas mulheres são discriminadas na questão salarial e outras assediadas moral ou sexualmente. Na política, por exemplo, a presença da mulher brasileira ainda é pequena.

Camila Dias apresenta uma posição mais otimista afirmando que o preconceito não está visível e que as mulheres tem que lutar contra isso sempre. Mas ela ainda confirma a fala de suas companheiras de profissão afirmando que não houve conquista plena desses direitos.

“Mas de uma maneira geral, acredito que o preconceito é velado. As mulheres conquistam seus direitos todos os dias. E, na minha opinião, não há direito conquistado de maneira plena”²⁶.

Portanto, conclui-se que os direitos das mulheres não foram plenamente conquistados, parte por causa do pensamento da sociedade, que ainda se detém em alguns aspectos ao patriarcalismo e parte responsabilidade das próprias mulheres, que por receio, não se tornam mais atuantes, não lutam pela plenitude dos seus direitos.

3.7 Sociedade: a origem do preconceito

Dentre os fatores atuantes para a evolução feminina e inserção da mulher no mercado de trabalho, foi perguntado para as entrevistadas se o pensamento da sociedade evoluiu a ponto

²⁵ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 10 de abril de 2008.

²⁶ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 18 de abril de 2008.

de igualar os direitos de homens e mulheres. As jornalistas concordaram quando afirmaram que a sociedade ainda faz distinção de direitos e deveres quando se baseiam na avaliação da capacidade das mulheres em exercerem certas atividades. Tânia Moreira afirma que ainda há preconceito e que a própria sociedade duvida dos avanços e conquistas femininas. Camila Dias também destaca esse pensamento retroativo e machista presente até hoje. Glória Lopes afirma que esse pensamento da sociedade tem origem nela mesma, ou seja, na maioria dos casos comprova-se que as mulheres são tão capazes quanto os homens, afinal ela realiza atividades consideradas tipicamente masculinas, porém, a mulher não utiliza desse direito de mostrar que é capaz. Ela vem desde a infância sendo podada, sendo criada sob o discurso de que tem que ser dona de casa, casar cedo, ser boa esposa e cuidar dos filhos, limitando-se a somente isso.

A sociedade continua com o mesmo pensamento, mulher é mulher, homem é homem, então ainda há o questionamento: será que ela é capaz? Será que ela vai fazer isso mesmo? Será que ela seria uma boa presidente da república? Será que ela será uma boa advogada? Será que será uma boa médica? Todo mundo ainda tem certo preconceito, a sociedade ainda tem esse preconceito²⁷.

O preconceito contra a atuação feminina no mercado de trabalho se manifesta de diversas maneiras, em diversas esferas. As pesquisadoras Alves e Pitanguy (1981) afirmam que durante a revolução industrial e por mais algumas décadas, a mulher era vista como mão de obra barata. Perguntadas se esta situação permanece até hoje, as jornalistas descreveram que essa situação se dá desde as primeiras atuações femininas no rádio e que permanece atualmente. Glória Lopes contou que desde a época em que entrou para o rádio foi estabelecido um piso salarial, mas que nem sempre é atendido. Assim, mulheres e homens, mesmo exercendo as mesmas atividades possuem diferentes salários.

A mulher sofre demais no rádio, faz algumas “reportagensinhas”, mas ninguém tem confiança de entregar pra ela um programa. Eu [Glória Lopes] fiz um programa, eu e a Vânia Carvalho fazíamos programas. Ela tinha um programa dedicado somente à

²⁷ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 10 de abril de 2008.

mulher, diferente do meu que era policial. Eu era produtora, apresentadora, eu buscava as notícias, eu fazia as notícias eu pesquisava, eu fazia um trabalho investigativo.²⁸

Tânia Moreira conta que no começo de sua profissão trabalhou alguns meses sem carteira assinada e sem receber remuneração, mas posteriormente passou a receber o mesmo que recebia o repórter Leonel da Mata. A situação que desvalorizava a sua profissão era o piso salarial definido pelo Sindicato dos Radialistas, que era abaixo do estabelecido para jornalistas. Portanto, a jornalista atribui os baixos salários à remuneração que é estabelecida no país, ou seja, no Brasil paga-se muito pouco para seus profissionais. Estes são desvalorizados levando-se em conta o investimento aplicado para a formação profissional.

Trabalhávamos cinco horas por dia e ganhávamos algo mais como “hora extra”. O Jornalismo da Itatiaia foi crescendo, e o Márcio Dotti que era chefe do setor sem ser jornalista, se viu obrigado a ir para a faculdade; mais repórteres formados em jornalismo foram contratados, como a Vera de Oliveira, o Eduardo Costa, a Mônica Miranda, Aparecida Ferreira e outras e outros tantos, mas acho que a questão do salário baixo em Rádio ainda continua, independente de ser homem ou mulher.²⁹

Camila Dias afirma que a mulher tem sua remuneração divergente de alguns homens, mesmo exercendo as mesmas funções. Ela conta que essa disparidade permanece até hoje na rádio Itatiaia e que, pelo que conversa com outros profissionais, isso não acontece somente nesse veículo de comunicação, acontece em outras categorias e áreas de atuação.

3.8 A escolha da profissão no meio radiofônico e a lógica do mercado

De acordo com pesquisa realizada em 2007, pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio Econômicos (DIEESE), no Distrito Federal e nas cinco regiões metropolitanas em que a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) é realizada, a População Economicamente Ativa (PEA) feminina, ou seja que trabalha ou está à procura de emprego,

²⁸ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 10 de abril de 2008.

²⁹ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 15 de abril de 2008

somava 9.048 mil pessoas, correspondendo a 46,7% da força de trabalho metropolitana³⁰.

Para essa evolução, houve mudanças históricas e sociais em várias esferas da vida das mulheres. O mercado de trabalho passa por um processo de abertura para mulheres.

Glória Lopes afirma que comparado há 30 anos, as mulheres têm, atualmente, mais estrutura e conhecimento para disputar com os homens, mas elas ainda se sentem acanhadas, receosas de enfrentar as dificuldades do mercado. No rádio, elas ainda encontram obstáculos e dificuldades para atuarem em algumas áreas. A jornalista também afirma que esse aumento no conhecimento traz benefícios porque a mulher atual não pode mais só cuidar da casa e dos filhos, ela tem que trabalhar fora para manter um padrão de vida confortável para a família, já que a remuneração em geral no Brasil, é incompatível com as atividades exercidas e o investimento para adquirir conhecimento especializado. Ela ainda ressalta que o mercado de trabalho, em todas as áreas de atuação, está saturado.

Os prejuízos ressaltados pela jornalista são o abandono da família e a falta de tempo que se forma com a busca pela atuação no mercado de trabalho. Glória Lopes diz que a migração da mulher de dona de casa para atuante no mercado ocasionou em um reduzido acompanhamento da juventude, que passa a procurar orientação em outros grupos. Essa procura acaba em grupos revoltados, acarretando em comportamentos desviantes.

Prejuízo que eu vejo é só a família que vai ficando para trás com essa modernidade. A gente vê essa juventude aí se perdendo neste mundo violento, por que sem o acompanhamento do pai e da mãe, sem os exemplos, por que o pai trabalha fora e a mãe também, os filhos ficam sozinhos, então eles procuram um caminho lá fora. Assim, eles vão encontrar muitas vezes, pessoas que os levam para o mau caminho e isso é inegável³¹.

Tânia Moreira afirma que a escolha por atuar no rádio, na época em que trabalhava nesse meio de comunicação, era uma escolha mais emotiva, ou seja, a escolha de trabalhar no rádio era em função de uma fascinação pelo rádio. Por esse motivo, surgiram tantos

³⁰ Disponível em http://www.dieese.org.br/ped/metropolitana/ped_metropolitanaMulheres2008.pdf. Acessado em 15/05/2008.

³¹ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 10 de abril de 2008.

profissionais tão apaixonados e dedicados à profissão. A jornalista ainda afirma que trabalhar no rádio hoje é uma escolha mais racional, ou seja, liderada pelo sentimento capitalista de qual meio oferece remuneração maior.

O pretendente pode fazer a faculdade de Comunicação, que hoje já tem cadeira específica para o Rádio, TV, Jornal etc... mas, pode também se especializar, por exemplo, em “web máster” para atuar na área de Internet em rádio, pois, hoje não dá pra seguir em frente com rapidez e eficiência, longe de um computador. Tem ainda as escolas para formação de locutores de Rádio, tem o jornalista que quer ser só repórter de economia ou de política e se especializa naquela área específica. Enfim, “fazer Rádio” hoje, é mais racional que emocional. Pergunta pra alguém que acabou de sair da faculdade, se topa trabalhar quatro ou oito meses sem receber nada de salário? Por que há tanto rodízio nas redações? Porque alguém ofereceu um salário melhor e o profissional simplesmente muda de emprego³².

Conclui-se, portanto, que a escolha da profissão atualmente é regida pela lógica de mercado: a profissão que está mais evidenciada no momento, aquela que oferece maior remuneração. Tânia Moreira afirma que o aumento do conhecimento traz benefícios porque garante que o profissional que escolhe atuar no rádio tem ciência dos seus direitos e deveres, diminuindo as possibilidades destes profissionais serem coagidos. Atualmente, também existem leis que protegem o trabalhador de possíveis abusos e irregularidades. A jornalista também alerta que o profissional do rádio detém ferramentas e meios que possibilitam o melhor e mais eficiente desenvolvimento das suas atividades.

O trabalhador de hoje pode se especializar mais, tem mais opções disponíveis para melhor desenvolver suas atividades, tem mais ferramentas para agilizar tudo (antes a gente só tinha, o enorme gravador, a fita cassete, e o telefone das repartições públicas para a gente usar para passar uma reportagem imediatamente para o noticiário).³³

Outros fatores também contribuem para essa evolução que decorre do aumento do conhecimento, como mais profissionalismo e menos amadorismo, o abandono do sensacionalismo, que afeta diretamente a credibilidade da profissão. Outro ponto positivo é o conhecimento de outras línguas e culturas, ocasionando a tão importante globalização, que

³² Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 15 de abril de 2008.

³³ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 15 de abril de 2008

integra diferentes culturas e costumes.

De acordo com Tânia Moreira, os prejuízos dessa situação são poucos. Pode-se citar como principal, a grande rotatividade dos profissionais originando na falta de identidade do ouvinte com o rádio.

A rotatividade parece ser maior atualmente e o ouvinte, de repente, não ouve mais aquela voz que estava acostumado e muita gente ainda pode dizer que “já não se faz mais Rádio como antigamente,” que está com saudade de fulano ou de sicrana”, “que essa moçada que aí está só pensa em salário, não veste mais a camisa da empresa, por isso vive mudando de emprego”. Mas ainda tem gente “da velha guarda” que tem verdadeira paixão pelo trabalho em Rádio e tem muito novato também que adora o Rádio e o sucesso imediato que ele proporciona, e não trocaria o trabalho em Rádio por outro em Jornal, por exemplo.³⁴

3.9 A atuação feminina na rádio Itatiaia desde a década de 1980 até os dias de hoje

No meio radiofônico, a atuação feminina foi gradual. Primeiro houve o reconhecimento da mulher como um público promissor e consumista. Aos poucos elas começaram a atuar nas radionovelas, nos bastidores das rádios e por fim, com uma participação expressiva, mas ainda com um certo receio por parte da sociedade e dirigentes dos meio de comunicação.

Na rádio Itatiaia, na década de 1980, a atuação feminina já estava presente, tanto nas redações, quanto nas produções e apresentações dos programas, porém essa participação ainda era tímida. Glória Lopes explicitou que a atuação feminina na rádio Itatiaia em cargos mais expressivos se limitava a três mulheres, o restante, ocupava cargos de menos atuação.

Já na década de 1990 essa situação mudou, conforme relata Tânia Moreira. O quadro de profissionais já contava com um maior número de mulheres, em cargos mais expressivos e atuantes. Entretanto, ainda nessa época era possível notar que a atuação masculina se dá com mais força, ocupando cargos estratégicos, gerenciais e das produções e apresentações dos programas mais importantes e com maior audiência.

³⁴ Entrevista concedida a esta pesquisadora, em 15 de abril de 2008.

Camila Dias afirma que essa situação permanece até hoje na rádio Itatiaia. A atuação da mulher é bastante considerável, porém para os cargos de maior visibilidade predomina a presença do homem. De acordo com a ficha técnica³⁵ disponibilizada pela jornalista, em todos os grupos de profissionais o número de homens é superior ao número de mulheres, além da alta direção e os apresentadores se constituírem apenas de homens.

³⁵ Dados sobre a escalação dos comunicadores por programas disponível em entrevista concedida a esta pesquisadora em 18 de abril de 2008. Entrevista na íntegra, reproduzida nos anexos;

CONCLUSÃO

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE³⁶, em 2007 a porcentagem de mulheres economicamente ativas, ou seja, trabalhando formalmente era de 45,4% e os homens 54,6%. Esse dado mostra que há diferenças, mas que elas estão sendo superadas. A luta das mulheres por direitos e melhores condições de trabalho desenvolveu movimentos importantes, com o feminismo e a CUT, por exemplo. Tais manifestações foram essenciais para a conquista dos direitos que hoje vigoram.

Os objetivos deste estudo sempre estiveram atrelados ao conhecimento da evolução da atuação feminina no mercado de trabalho, no meio radiofônico e, particularmente, na rádio Itatiaia. Partimos do pressuposto de que houve uma evolução pelo fato de que está visível, nas mais diversas áreas do mercado de trabalho, que a atuação feminina vem crescendo se tornando cada vez mais ativa e pró-ativa. Ou seja, as mulheres estão deixando de atuar passivamente, como na época da revolução industrial, em que trabalhavam como operária e eram preferidas por serem mão de obra barata. As mulheres se tornaram “recursos humanos”, como são denominados atualmente os funcionários de uma empresa. Tornaram-se parte de equipes, pessoas capazes de tomar decisões e de liderarem.

Este estudo teve o objetivo de mostrar como se deu a evolução da atuação feminina no rádio, usando a rádio Itatiaia como amostragem. As entrevistas têm o objetivo de enriquecer essa “história” contada aqui a partir de vivências pessoais, que serviriam para legitimizar o que dizem os livros e teóricos. Na medida em que o terceiro capítulo foi sendo estruturado, descobrimos que além de ter alcançado o objetivo inicialmente proposto, esta monografia atenta também para a importância que os movimentos em prol das mulheres tiveram para as suas conquistas e a importância da continuidade da luta pela plenitude dos direitos igualitários baseando-se neste conceitos.

³⁶ Disponível no site http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1077

Uma das entrevistadas levantou a questão de que hoje as mulheres ainda têm medo de se tornarem mais ativas, mais atuantes. Aquele pensamento retroativo, que coloca a mulher em uma posição passiva, mesmo que mais tímido e com muito menos força, ainda perdura.

O rádio é uma pequena amostragem do que acontece em todas as áreas do mercado de trabalho. A rádio Itatiaia foi fundada por homens em uma época de raízes patriarcais ainda muito presentes no pensamento da sociedade, ter o esporte como carro-chefe do meio de comunicação, um público predominantemente masculino etc.

Mesmo com tantas limitações, com tantos empecilhos para a atuação feminina na rádio Itatiaia as mulheres conseguiram, aos poucos, atuando nas radionovelas, tornando-se as vozes das músicas mais ouvidas, tornando-se um público consumista e com tempo livre para ouvir rádio, atuar no rádio, em programas que jamais se pensaria colocar uma mulher.

As trajetórias de vida narradas pelas jornalistas resumem as etapas da situação feminina através dos tempos, desde a década de 1980 até hoje: quebra dos conceitos patriarcais, inserção da mulher no mercado de trabalho, conquista da igualdade entre os sexos, dificuldades que as mulheres tiveram que enfrentar para o alcance dessas conquistas e o trabalho diário para provar que são profissionais capazes e eficazes.

Apesar de dar um parecer positivo de muitas conquistas alcançadas pelas mulheres, esta pesquisa abre um precedente para a conscientização de duas situações:

- 1) Não se dá o devido valor às conquistas alcançadas, o direito ao voto é um exemplo claro de uma conquista que mudou conceitos e que hoje chega a ser banalizado. É claro que outros fatores influem nesse descaso da sociedade, mas mostra claramente que atualmente não há aquele saudosismo aos bons tempos em que se defendiam causas em prol da justiça e do bom senso.
- 2) Essa luta ainda não terminou. Ainda há um longo caminho a percorrer. Ainda há

barreiras, que chegam a ser tênues diante da agilidade da vida moderna a serem transpostas. As disparidades entre salários de homens e mulheres podem servir como exemplo. Se a mulher foi juridicamente considerada tão capaz quanto o homem, nada mais justo de igualar também as remunerações referentes ao mesmo cargo exercido.

No rádio, a atuação feminina acompanha as outras áreas do mercado. A rádio Itatiaia não se desviou desta constante. A atuação feminina avança gradualmente. A máxima do mercado atualmente é que, para a maioria dos cargos, não importa o sexo do profissional e sim a sua capacidade. Se esse pensamento se expandir, se tornar constante e presente, acreditamos que daqui a algum tempo o mercado (e até mesmo o campo radiofônico), irá se tornar mais competitivo e mais capacitado. Não dizemos isso declarando que a atuação feminina é que irá causar essa evolução, mas temos a pretensão de afirmar que há mulheres que estão se capacitando cada vez mais em busca de melhores cargos e condições de trabalho.

A plenitude da conquista feminina nas relações sociais e no mercado de trabalho, principalmente nos meios de comunicação, é uma batalha que permanece em execução até hoje. Para ser alcançada ainda permanecerá durante algum tempo e precisará de uma luta feminina mais ativa.

REFERÊNCIAS

A MULHER no mercado de trabalho. Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego. DIEESE, mar. 2008. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/ped/metropolitana/ped_metropolitana_Mulheres2008.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2008.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, 44).

ARAÚJO, Clara de; SCALON, Celi. Entre o Gênero e a Distância entre a Intenção e o Gesto. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 21. n. 62. 2004.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo, a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo, fatos e mito*. Rio de Janeiro: Nova, 1980.

DESLANDES, Suelly Ferreira; MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FEDERICO, Maria Elvira Bonativa. *História da comunicação: rádio e tv no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

FOLHA ON-LINE, Chiquinha. Disponível em: <<http://www.almanaque.folha.uol.com.br/chiquinha.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2008.

HOHLFELDT, Antônio (Org.) *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa mensal de emprego*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1077>. Acesso em: 20 abr. 2008.

LUZ, Olavo. *25 anos de imprensa no Brasil*. (Sl.): ESO Brasileira de Petróleo, 1980.

MARTINS, Kao; COSTA, Eduardo. *Uma paixão chamada itatiaia: 50 anos de história*. Belo Horizonte: Tamóios, 2002.

OBSERVATÓRIO da imprensa. TVE Brasil. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/observatorio>>. Acesso em: 20 abr. 2008.

PARADA, Marcelo. *Rádio: 24 horas de jornalismo*. São Paulo: Parada, 2000.

PRATA, Nair. *A história do rádio em Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2003. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Sonora, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG,

REDE Itasat. Disponível em: <http://www.itatiaia.com.br/rede_itasat/paginas.php?pg=3>. Acesso em: 15 abr. 2008.

TAVARES, Mariza. Especial Dias das Mulheres em 2007. Entrevista concedida ao Programa Observatório da Imprensa, 2007.

UNIVERSIA. Disponível em: <<http://www.universia.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2008

ANEXOS

Entrevista presencial realizada com Glória Lopes no dia 10 de abril de 2008.

1- De acordo com os pesquisadores Alves e Pitanguy (1981), no século XX, as mulheres começaram uma luta organizada em defesa dos seus direitos. Baseando-se atualmente, você acha que esses direitos foram plenamente conquistados?

Não, não foram plenamente conquistados. Principalmente no Brasil, nós não temos tido oportunidade de ter uma educação, uma condição de vida que nos dê condições necessárias para se estudar, porque sem estudo ninguém é nada. Infelizmente, no nosso país o estudo ficou para trás há muito tempo e vai cada vez de mal a pior. Nós estamos vendo aí garotos e garotas cursando a 5ª série que não sabem escrever. Também vemos pessoas que são formadas e que às vezes não sabem nem conversar direito e isso dificulta muito a luta das mulheres. Elas têm menos oportunidades que o homem e nós ainda temos aquela coisa dos nossos pais e avós de que a mulher nasceu para ser dona de casa, mãe de família. Isso, infelizmente, nos leva a uma condição inferior ao homem, porque ele acha que é o todo poderoso e a mulher fica para trás, achando que sua obrigação é cuidar dos filhos, da casa, e isso toma seu tempo. Numa situação de separação do casal, por exemplo, a mulher fica com a maior responsabilidade porque às vezes o homem não dá a pensão necessária e a mulher tem que se desdobrar e então ela tem que “se virar” entre o trabalho, a casa e a criação dos filhos. Isso prejudica muito a mulher.

2- Segundo Simone de Beauvoir “O feminismo não é uma luta contra a supremacia da identidade feminina, é uma luta política, ou seja, um movimento por um mundo onde ser mulher ou homem não faça diferença alguma” (BEAUVOIR, 1980, p.303). Você concorda com a afirmação de Beauvoir?

Não concordo com isso. Tem que haver diferença, porque se não houver essa diferença acaba aquela meiguice que a mulher tem, ela se torna cult. Eu tiro por mim mesma que comecei a trabalhar cedo, então eu não tive essa experiência de ficar em casa cuidando dos filhos. Vim fazer isso agora, depois de aposentada. Mas perdi muito, às vezes sinto certa dificuldade de acariciar filho meu que tem 40 anos, porque quando eles eram pequenos eu não tinha tempo de fazer isso, às vezes saía de casa às cinco e meia da manhã, trabalhava em três empregos, na rádio, no Estado e na televisão. Então era difícil, saía de casa as crianças estavam dormindo,

voltava e elas também estavam dormindo. Eu acho que tem que haver uma diferença sim, senão acaba de vez a família. Então eu não concordo com essa afirmação, acho que a mulher tem que ser mulher em todos os pontos, ser firme, forte, ser atrevida para se conquistar alguma coisa, mas jamais se igualar ao homem em todos os sentidos.

3- O pesquisador Hohlfeld afirma que em 1988 a mulher conquistou igualdade jurídica, sendo considerada tão capaz quanto o homem. Você acha que o pensamento da sociedade também evoluiu a esse ponto?

É sim, tanto é que hoje mulher faz serviço de pedreiro, carpinteiro, tudo isso. Portanto, não há diferença, todos os dois são capazes de fazer qualquer coisa, só que a mulher não utiliza esse direito, porque ela já vem desde a sua infância sendo criada sob aquela máxima: você tem que ser dona de casa, com 18 ou 19 anos tem que arrumar namorado para casar senão vai encalhar. Então ela é capaz de fazer tudo que o homem faz, mas ainda tem esse negócio dela se sentir um pouco contida, ela tem medo de extravasar. A sociedade continua com o mesmo pensamento, mulher é mulher, homem é homem, então ainda há o questionamento: será que ela é capaz? Será que ela vai fazer isso mesmo? Será que ela seria uma boa presidente da república? Será que ela será uma boa advogada? Será que será uma boa médica? Todo mundo ainda tem certo preconceito, a sociedade ainda tem esse preconceito.

4- Como foi ingressar na carreira de radialista na década de 80?

Em 1980 eu já era velha de rádio. Eu comecei na década de 1950, no dia 11 de junho de 1956, na rádio Inconfidência, que era na antiga feira de amostra, e foi muito difícil, não foi fácil, porque naquela época a mulher separada do marido era um escândalo, uma vergonha, um insulto, ela era praticamente uma prostituta, então não deveria ser aceita entre moças, por isso eu tive que mexer alguns pauzinhos para poder entrar e trabalhar para a rádio Inconfidência e provar que eu sabia trabalhar. Tanto é que eu provei que trabalhei na rádio Inconfidência 27 anos e 7 meses.

5- Qual era a repercussão do ingresso de mulheres no rádio?

Naquela época eu entrei como rádio atriz e tinha a Rádio Nacional, rádio Tupi e outras emissoras no Rio e São Paulo que tinham novelas. Era mais fácil, porque havia uma aceitação muito grande para novelas. Só depois, com o surgimento da televisão o rádio teatro foi caindo, aí eu vi que o ele estava acabando e eu tinha que abraçar outra profissão dentro do rádio. Em 1967 eu passei para o rádiojornalismo e iniciei fazendo reportagens policiais e fiquei até o fim da minha carreira, em 1998, fazendo polícia. Foi de 1967 à 1998. Agora,

naquela época o homem fazia outras coisas, como futebol, locução, apresentação de programas e novela também. Nós tínhamos o Jairo Anatório Lima fazendo novela, ou seja, tinha muita gente trabalhando que fazia rádio teatro.

6-Os pesquisadores Alves e Pitanguy (1981) afirmam que durante a revolução industrial e por mais algumas décadas decorrentes, a mulher era vista como mão de obra barata. Essa situação permaneceu na época em que você atuou no mercado radifônico?

Sempre foi e é. A mulher ainda é mão de obra barata, até na nossa profissão, no rádio e até no jornalismo. Há um piso salarial, mas muitos homens ganham mais que a gente e sempre essa situação permaneceu e permanece ainda. Então, a mulher sofre demais no rádio, faz algumas “reportagensinhas” mas ninguém tem confiança de entregar pra ela um programa. Eu fiz um programa, eu e a Vânia Carvalho fazíamos programas. Ela tinha um programa dedicado somente à mulher, diferente do meu que era policial. Eu era produtora, apresentadora, eu buscava as notícias, eu fazia as notícias eu pesquisava, eu fazia um trabalho investigativo. Tinha a Luzinha Alves que também fazia um programa musical, mas quando tiveram oportunidade “chutaram ela para escanteio”, assim como fizeram com a Vânia Carvalho.

7- No meio radiofônico geral, como era a programação voltada para o público feminino na década de 80? E na rádio Itatiaia?

A programação nessa época era voltada para a dona de casa, ensinar a cozinhar, a fazer arroz, feijão, uma carne assada, moda, como deve se pintar, se pentear, se vestir, essa “bobageira” de hoje mesmo. Nunca encararam a mulher como ser humano, que enfrenta todos os problemas. Os programas eram dedicados à mulher como dona de casa.

Sobre a atuação da mulher no rádio eu já falei sobre a Vânia Carvalho. Tinha uma menina também que apresentava um programa na rádio Itatiaia à noite, colocaram ela depois de meia noite para fazer programa, ou seja, nunca deram para uma mulher um horário nobre. Eu acho que eu fui a única a ter um horário nobre, porque o resto, as outras eu não me lembro.

8- A pesquisadora Prata (2003) observa que a programação da rádio Itatiaia sempre teve foco nas transmissões esportivas. Em sua opinião, essa situação tornou-se empecilho para a inserção da profissional feminina nesse meio de comunicação?

A rádio Itatiaia sempre foi mais esporte, mas não foi essa situação que dificultou a inserção feminina na rádio Itatiaia. Para poder colocar uma narradora de jornal, uma noticiarista na rádio Itatiaia foi agora há pouco tempo. Eu já vinha falando com o Manuel Carvalho para colocar a Janete, que é uma menina boa, com uma voz boa, preparada, mas sabe como é que é

né, a gente dando palpite não adiante muita coisa. Aí eles virão que outros colocaram, aí colocaram também, mas a mulher no rádio continua com as tarefas menos importantes, fazer uma “produçãosinha” ou outra coisa, só pra poder dizer que tem mais mulher, mas ninguém dá uma oportunidade. Já a televisão dá uma oportunidade à mulher, mas ela tem que ser bonita, se ela for feia ela vai “roer o osso também”, agora mulher bonita tem lugar em qualquer televisão, em qualquer rádio.

Foi muito bom, eu tinha o meu programa e em audiência eu só perdia para a própria rádio Itatiaia para o programa Bola Rolando. A minha audiência era sensacional, passava-se pelas ruas de Belo Horizonte e ouvia-se eco, era uma coisa fora de sério, tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Eu só perdia na época, isso eu tenho certeza e posso falar, para Bola Rolando, quando havia um jogo sendo transmitido, só para esse que eu perdia, o resto, eu passava tudo para trás.

9- Quais as mudanças que ocorreram nos processos de escolha da profissão de hoje comparado há 30 anos?

Hoje a mulher se atira um pouco mais, mas muito acanhada. Eu não sei se é a falta de oportunidade ou medo de enfrentar as coisas. A mulher tem muito medo de enfrentar cara a cara os problemas, que ela vai encontrar sim em determinadas profissões, como o jornalismo, por exemplo. Agora ela precisa vencer essa timidez para poder ir em frente, por que senão ela vai ficar sempre estagnada.

10- Quais os benefícios e prejuízos que você enxerga com essas mudanças?

Benefícios muitos, porque tem que haver oportunidades para todos. A mulher não pode mais somente cuidando da casa e dos filhos, ela tem que trabalhar, se ela não trabalhar vai passar fome, ela, o marido e os filhos, por que paga-se muito mal o empregado nesse país. O dinheiro do marido é muito pouco, a não ser que eles tenham uma boa condição, mas isso também é muito difícil, há muitos médicos que já estão brigando por que o dinheiro é muito pouco, advogados também e por aí vai. Prejuízo que eu vejo é só a família que vai ficando para trás com essa modernidade. A gente vê essa juventude aí se perdendo neste mundo violento, por que sem o acompanhamento do pai e da mãe, sem os exemplos, por que o pai trabalha fora e a mãe também, os filhos ficam sozinhos, então eles procuram um caminho lá fora. Assim, eles vão encontrar muitas vezes, pessoas que os levam para o mau caminho e isso é inegável.

Eu só queria voltar agora quando eu comecei a reportagem policial em 1967. A primeira vez

que eu entrei em uma delegacia eu encontrei o Gabriel Prata Neto, que era o chefe da divisão de crimes contra a vida, naquela época era delegacia de ordem econômica. E quando eu cheguei perto dele para poder entrevista-lo me lembro que ele disse: mulher fazendo reportagem policial? Menina, desiste, vai procurar outro serviço pra você, na polícia não. Aí eu conversei com ele, mostrei a minha necessidade de trabalhar, e ele se convenceu e disse: vamos voltar, você tem que escolher, ou você trabalha com a polícia, com a justiça ou como agiota. Eu disse, que não queria, que era do lado da polícia, da justiça, que eu queria o direto, que se cumprisse as leis. Ele disse então que se eu fosse do jeito que eu estava falando nós íamos se dar bem. Então ele foi me ensinando muita coisa que eu não sabia, fui fazendo amizade com outros delegados, e finalmente muitos delegados.

Então, se a mulher não encarar, se ela se retrair, ela não consegue nada, por que se o homem pegar uma parte fraca dela, ela se dá mal.

Entrevista realizada com Camila Dias via e-mail no dia 18 de abril de 2008.

1 -De acordo com os pesquisadores Alves e Pitanguy (1981), no século XX, as mulheres começaram uma luta organizada em defesa dos seus direitos. Baseando-se atualmente, você acha que esses direitos foram plenamente conquistados?

Não tenho como responder baseando-me no autor tendo em vista que não conheço a referida obra. Mas de uma maneira geral, acredito que o preconceito é velado. As mulheres conquistam seus direitos todos os dias. E, na minha opinião, não há direito conquistado de maneira plena.

2- Segundo Simone de Beauvoir “O feminismo não é uma luta contra a supremacia da identidade feminina, é uma luta política, ou seja, um movimento por um mundo onde ser mulher ou homem não faça diferença alguma” (BEAUVOIR, 1980, p.303). Você concorda com a afirmação de Beauvoir?

Acredito que o feminismo seja sim uma luta política e que tenta, sim, fazer com que a mulher seja respeitada como os homens, mas isso não quer dizer que um seja igual ao outro, são diferentes que merecem direitos diferentes para serem parecidos.

3- O pesquisador Hohlfeldt afirma que em 1988 a mulher conquistou igualdade jurídica, sendo considerada tão capaz quanto o homem. Você acha que o pensamento da sociedade também evoluiu a esse ponto?

Nenhum pouco. Algumas pessoas (tanto homens como até mesmo as mulheres) são machistas.

4- Como foi ingressar na carreira de radialista na Itatiaia?

É um trabalho constante e diário. A carreira se constrói dia a dia. Não é um trabalho fácil, mas depende mais do profissional que da empresa. Você mostra seu trabalho e aos poucos se adapta às regras.

5- Os pesquisadores Alves e Pitanguy (1981) afirmam que durante a revolução industrial e por mais algumas décadas decorrentes, a mulher era vista como mão de obra barata. Essa situação permanece até hoje no seu mercado de atuação?

Sem sombra de dúvidas. E, pelo que converso com colegas diariamente, isso não acontece somente na Itatiaia.

6- Como é a programação voltada para o público feminino? Como é a atuação da mulher no rádio? E na rádio Itatiaia?

Programação: Para responder a essa pergunta seria melhor você entrar em contato com a Assessoria de Comunicação da Rádio e pedir acesso as pesquisas do IBOPE que mostra qual público predominante em cada programa. O contato é: 2105 3612 – Daniele.

Atuação da Mulher no rádio: não tenho como falar sobre o rádio em geral porque não conheço as redações dos outros veículos. Quanto a rádio Itatiaia a atuação da mulher é bastante considerável, porém para os cargos de maior visibilidade predomina a presença do homem. Observe:

Noticiaristas: Camila Campos, Edilene Lopes, Kátia Pereira, Rodrigo Freitas, Eustáquio Ramos e Rui Chaves. 3 A 3

Repórteres: Mônica Miranda, Márcia Barroso, Edilene Lopes, Camila Dias, Roberta Araújo, Isabel Guimarães, Aparecida Ferreira, Eduardo Costa, Laudívio Carvalho, Acir Antão, Rodrigo Freitas, Carlos Viana. 7 A 5

Produtores: Camila Dias, Fernanda Rodrigues, Roberta Araújo, Renato Rios, Etiene Egg (homem), Maria Tereza, Selma Sueli Silva, Ana Cristina Novato, Leonardo Ângelo. 6 A 3

Coordenadores: Maria Cláudia Santos, Camila Campos, Fernanda Rodrigues. 3 A 0

Apresentadores: Kátia Pereira, Eustáquio Ramos, José Lino Souza Barros, Acir Antão, Eduardo Costa, Robson Lauriano, Carlos Viana e Laudívio Carvalho. (Observe: não há nenhuma mulher comunicadora. A Kátia apresenta o jornal). 1 A 7

Diretor de Jornalismo: Márcio Doti.

7- A pesquisadora Prata (2003) observa que a programação da rádio Itatiaia sempre teve foco nas transmissões esportivas. Em sua opinião, essa situação é empecilho para a inserção da profissional feminina nesse meio de comunicação?

Em partes. Acredito que há um certo preconceito por parte dos profissionais consagrados ao que se refere a mulher no esporte. Mas as portas não estão fechadas. Basta observar a presença de Danielle Rodrigues no departamento. Ela atua como repórter, produtora e, até mesmo apresentadora. Confesso que não estou por dentro do que acontece no esporte tendo em vista que se trata de um departamento independente do jornalismo.

8- Quais as mudanças que ocorreram nos processos de escolha da profissão de hoje

comparado há 20 anos?

9- Quais os benefícios e prejuízos que você enxerga com essas mudanças?

10- O pesquisador Tavares (2007) observa que ainda há muita desigualdade e que fora do eixo Rio – São Paulo, as mulheres ainda têm que brigar por empregos no meio radiofônico. Você teve dificuldades para ingressar na rádio Itatiaia? Você também observa essa tendência do mercado?

Não tive muita dificuldade para ingressar na Itatiaia. Quanto a observação de Tavares (2007) creio que essa conclusão está um pouco defasada. Depende a qual área do rádio ele se refere. A mulher tem dificuldades em conseguir apresentar um programa ou ler um noticiário porque a voz do homem é mais pesada. Por exemplo: dificilmente a mulher vai apresentar um programa do tipo Itatiaia Patrulha. Apesar de que a repórter Glória Lopes comandou um programa de polícia durante anos. Mas ela tinha a particularidade de uma voz presente e firme.

Entrevista realizada com Tânia Moreira via e-mail em 15 de abril de 2008.

1- De acordo com os pesquisadores Alves e Pitanguy (1981), no século XX, as mulheres começaram uma luta organizada em defesa dos seus direitos. Baseando-se atualmente, você acha que esses direitos foram plenamente conquistados?

Muitos foram, avanços consideráveis aconteceram, mas ainda existem algumas injustiças, principalmente na área trabalhista, onde muitas mulheres são discriminadas na questão salarial e outras assediadas moral ou sexualmente. E na política, a presença da mulher brasileira ainda é pequena.

2- Segundo Simone de Beauvoir “O feminismo não é uma luta contra a supremacia da identidade feminina, é uma luta política, ou seja, um movimento por um mundo onde ser mulher ou homem não faça diferença alguma” (BEAUVOIR, 1980, p.303). Você concorda com a afirmação de Beauvoir?

Concordo. Deveria ser assim mesmo, sem discriminação se a pessoa é mulher ou homem.

3- O pesquisador Hohlfeld afirma que em 1988 a mulher conquistou igualdade jurídica, sendo considerada tão capaz quanto o homem. Você acha que o pensamento da sociedade também evoluiu a esse ponto?

Não totalmente. Infelizmente a própria sociedade parece duvidar dos avanços e conquistas femininas.

4- Como foi ingressar na carreira de radialista na década de 90?

Voltemos no tempo, porque comecei a trabalhar em Rádio foi em 1978, depois de passar oito meses em jornal como estagiária, (escrevendo notícias de até meia página como se já fosse profissional) quis saber como seria trabalhar em Rádio, onde o repórter praticamente não escreve, mas fala e muito. Procurei a Itatiaia ainda para completar o estágio de um ano. Não conhecia ninguém lá e nem nunca havia entrado em um estúdio ou redação de uma Rádio, a não ser em 1976 quando fui levar algumas bolsas de estudo do cursinho supletivo onde eu trabalhava , para serem sorteadas para os ouvintes. Na época, falei com o Emanuel Carneiro e disse que quando chegasse a época de estágio, gostaria de fazer estágio lá. Ele disse OK. Portanto, depois de 08 meses em jornal, no final de 78 procurei o Emanuel Carneiro na redação de esporte e ele me disse para procurar o chefe do Departamento de Jornalismo, que era o Márcio Dotti, embora, na época ele ainda não fosse jornalista com curso em faculdade como era o meu caso e também o caso do Leonel da Mata que era repórter lá. Combinado o

horário do estágio de 14 às 19hs, pois de lá da Rádio eu iria direto para a FAFI/BH na av. Antônio Carlos, onde eu terminava o curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo; comecei o estágio no dia seguinte. O primeiro dia fiquei um pouco frustrada porque não me deram uma pauta pra ir pra rua fazer reportagem como já fazia no Jornal de Minas. Sem função específica na Redação, tentava atender telefone, ler as notícias que chegavam pelo Telex e, no final do dia, disse para o chefe .que eu gostaria mesmo era ir pra rua fazer reportagem. No dia seguinte, ao chegar para o segundo dia de estágio, recebi uma pauta e um imenso gravador, pegaria carona no carro com o repórter Leonel da Mata. O motorista me deixou na Secretaria Estadual de Saúde (hoje, Minascentro). A pauta seria entrevistar o secretário sobre uma epidemia que não me lembro mais de que. O interessante é que o secretário da saúde não tinha ido trabalhar porque estava doente, justo da tal doença que era motivo da pauta. Não pensei duas vezes e peguei o telefone da sala da secretária do Secretário e transformei o fato em notícia, fazendo um boletim para o próximo noticiário. Como o motorista não aparecia para me buscar, resolvi, sem pauta nenhuma ir fazer outras matérias na área central da cidade, como Prefeitura, Sunab etc..No final da tarde estava na Redação com boas matérias que foram ao ar no Jornal da Itatiaia na manhã seguinte. Fui informada que o repórter deveria encerrar a matéria com o seu nome, que era a assinatura. Foi aí que surgiu a quase marca “ “Repórter, Tânia Moreira” que muita gente ainda se lembra até hoje. Não tive dificuldade em me adaptar à correria que era trabalhar em Rádio, aprendi logo como reduzir uma notícia em 40” ou 01 minuto para entrar no noticiário. Aprendi também como era importante saber falar de improviso, pois nem sempre dava tempo redigir um texto porque já estava em cima da hora do noticiário. Adorava fazer a reportagem e logo em seguida entrar no noticiário com o resumo dela. Passei a fazer a pauta do dia e mais outras matérias por conta própria, e era comum chegar à Redação com 10, 12 matérias no gravador gigante. Os redatores do Jornal da Itatiaia (Samuelito Mares, Evandro Bandeira, e depois, Ronaldo Lenoir, Cida Oliveira e outros que passaram pela Redação da Itatiaia, adoravam porque teriam mais opções, e muita coisa era exclusiva, o que entusiasmava também os noticiaristas (Nascimento Filho e Marco Antônio França) na época. Com apenas o Leonel da Mata como repórter de geral no jornalismo, o Acir Antão na política e o Nagib José, Pedro Luiz Carrapeta e Romeu Araújo na área policial, a minha presença como repórter, a primeira do sexo feminino na equipe, era uma novidade que dava o que falar. O público gostava da presença feminina, tanto que depois veio a Vera de Oliveira, que também era repórter de geral do Jornal de Minas.

5- Qual era a repercussão do ingresso de mulheres no rádio?

Acho que respondi aí acima. A repercussão foi positiva, o público gostava, os entrevistados gostavam de ser entrevistados por uma mulher, a antiga Revista do Rádio fez matéria com minha foto, destacando a presença feminina no Jornalismo da Itatiaia. É óbvio que muitas cantadas surgiram da parte dos homens, dentro e fora da Rádio, mas a gente teve joga de cintura para administrar as situações.

6- Os pesquisadores Alves e Pitanguy (1981) afirmam que durante a revolução industrial e por mais algumas décadas decorrentes, a mulher era vista como mão de obra barata. Essa situação permaneceu na época em que você atuou no mercado radifônico?

Bom, eu comecei como estagiária em 1978. No jornal, recebia “vales” e a carteira profissional não foi assinada nos 08 meses que trabalhei lá. Na Rádio Itatiaia fiquei 04 meses sem a carteira ser assinada e sem receber nada (ainda bem que eu trabalhava em uma multinacional na parte da manhã e assim pude bancar o estágio). Gostaram do meu trabalho e eu adorava trabalhar em Rádio, assim, fui contratada como profissional, mas o salário era o mesmo salário do repórter Leonel da Mata. Quem não era jornalista (apenas radialista, recebia o piso salarial do Sindicato dos Radialistas, que era menor do que o piso do Sindicato dos Jornalistas) Acho que ainda é assim até hoje. Como jornalista profissional não fui discriminada para receber salário menor, até porque, eu não aceitaria. Juntos, Leonel da Mata e eu, reivindicávamos salário acima do piso do Sindicato, pois achávamos o piso muito baixo (e ainda é até hoje) Tivemos uma melhoria salarial, mas nada assim tão expressivo. Trabalhávamos 05 hs/dia e ganhávamos algo mais como “hora extra”. O Jornalismo da Itatiaia foi crescendo, e o Márcio Dotti que era chefe do setor sem ser jornalista, se viu obrigado a ir para a faculdade; mais repórteres formados em jornalismo foram contratados, como a Vera de Oliveira, o Eduardo Costa, a Mônica Miranda, Aparecida Ferreira e outras e outros tantos, mas acho que a questão do salário baixo em Rádio ainda continua, independente de ser homem ou mulher. Deixei a reportagem em 1998, encerrando minha participação em reportagens, direto da França, na Copa do Mundo. Também viajei muito pela Itatiaia, dentro e fora do Brasil, acompanhando autoridades como repórter, com tudo pago pela Rádio. Por motivos particulares continuei no quadro de funcionários da Itatiaia até fev. de 2002, quando, finalmente me desliguei.

7- No meio radiofônico geral, como era a programação voltada para o público feminino na década de 90? E na rádio Itatiaia?

Como eu trabalhava apenas no Departamento de Jornalismo, o nosso foco era a notícia, a informação para o público em geral (feminino ou masculino) . Mas sabia que tinha um programa na Rádio Cultura que era da Rede Itatiaia, uma programa exclusivamente voltado para o público feminino, se não me engano, o nome era “Mundo Mulher” apresentado pela radialista Vânia Carvalho que já vinha de um programa parecido em outra Rádio, a Inconfidência. A Guarani também tinha programas assim, com destaque para o horóscopo, que as mulheres adoram. Na Itatiaia me lembro apenas do programa do Acir Antão que é de horóscopo, tinha presença feminina como a Zora Yonara que vinha de SP para gravar o programa por um mês.. Tinha também o programa do Eli Diniz, que era muito voltado para as empregadas domésticas, com músicas e assuntos que ela achava que interessava a categoria. No mais, a programação era , creio que como a de hoje, com o Rádio Vivo e outros programas que não são feitos exclusivamente para o público feminino.

8- A pesquisadora Prata (2003) observa que a programação da rádio Itatiaia sempre teve foco nas transmissões esportivas. Em sua opinião, essa situação tornou-se empecilho para a inserção da profissional feminina nesse meio de comunicação?

O esporte era, e continua sendo o carro-chefe da Itatiaia, em audiência e faturamento; mas não creio que isso afete a entrada da mulher no Jornalismo e em outras programações. Quando cheguei lá em 1978 havia apenas uma secretária na Redação de Jornalismo e o restante era homem. Com a minha chegada e permanência lá por mais de 20 anos, outras repórteres, redatoras e noticiaristas foram contratadas. No esporte, houve a tentativa de incluir uma mulher na equipe de reportagens esportivas direto do Mineirão, mas a tentativa não deu certo. Foi a Nair Prata que era a produtora do “Rádio Vivo” e como repórter de campo não deu certo. Atualmente não sei como anda a presença feminina na Itatiaia.

9- Quais as mudanças que ocorreram nos processos de escolha da profissão de hoje comparado há 20 anos?

Naquela época, a gente tinha a aula teórica na faculdade, pouquíssimo ou quase nada de prática para o jornalismo em rádio; mas tínhamos a paixão pelo Rádio, o tal “vestir a camisa” da empresa mesmo ganhando pouco. Creio que por isso, por essa paixão desenfreada, é que surgiram grandes e inesquecíveis profissionais do Rádio, como o Osvaldo Faria, por exemplo, que nunca cursou uma faculdade de comunicação, mas foi um excelente repórter, comentarista e diretor de esportes da Itatiaia. Hoje, trabalhar em Rádio pode ser uma escolha mais racional. O pretendente pode fazer a faculdade de Comunicação, que hoje já tem cadeira

específica para o Rádio, TV, Jornal etc... mas, pode também se especializar, por exemplo, em “web máster” para atuar na área de Internet em rádio, pois, hoje não dá pra seguir em frente com rapidez e eficiência, longe de um computador. Tem ainda as escolas para formação de locutores de Rádio, tem o jornalista que quer ser só repórter de economia ou de política e se especializa naquela área específica. Enfim, “fazer Rádio” hoje, é mais racional que emocional. Pergunta pra alguém que acabou de sair da faculdade, se topa trabalhar 04 ou 08 meses sem receber nada de salário? Por que há tanto rodízio nas redações? Porque alguém ofereceu um salário melhor e o profissional simplesmente muda de emprego.

10- Quais os benefícios e prejuízos que você enxerga com essas mudanças?

Benefícios: o trabalhador de Rádio, sendo ele jornalista ou radialista é mais profissional e está ciente de seus direitos, e a empresa, de seus deveres. Jamais trabalhará de graça só porque gosta da profissão. E a empresa não correrá esse risco porque o Ministério do Trabalho está mais atento na fiscalização. O trabalhador de hoje pode se especializar mais, tem mais opções disponíveis para melhor desenvolver suas atividades, tem mais ferramentas para agilizar tudo (antes a gente só tinha, o enorme gravador, a fita cassete, e o telefone das repartições públicas para a gente usar para passar uma reportagem imediatamente para o noticiário). O profissional de hoje está mais antenado, mais globalizado, mais informado e sabe que sem um bom curso de inglês e espanhol, ele ficará perdido até mesmo na frente de um computador. O sensacionalismo também parece que diminuiu. Enfim, o mercado hoje exige mais profissionalismo e menos amadorismo. Não basta ter uma voz bonita para trabalhar em uma Rádio.

Prejuízos? São poucos.. A rotatividade parece ser maior atualmente e o ouvinte, de repente, não ouve mais aquela voz que estava acostumado e muita gente ainda pode dizer que “já não se faz mais Rádio como antigamente,” que está com saudade de fulano ou de sicrana”, “que essa moçada que aí está só pensa em salário, não veste mais a camisa da empresa, por isso vive mudando de emprego”. Mas ainda tem gente “da velha guarda” que tem verdadeira paixão pelo trabalho em Rádio e tem muito novato também que adora o Rádio e o sucesso imediato que ele proporciona, e não trocaria o trabalho em Rádio por outro em Jornal, por exemplo.

P.S: Depois de 08 meses em Jornal, um dia em Televisão, não tive a menor dúvida de que exercer o jornalismo em Rádio era o desafio que eu mais queria, por isto fiquei mais de 20

anos em Rádio. Hoje, aos 59 anos, prefiro a tranquilidade das redações de Assessorias de Imprensa., pois, escrever releases para outros colegas divulgarem e escrever notícias para o site da empresa(www.der.mg.gov.br) também é muito gratificante.